

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espirita

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
Isidoro Duarte Santos

EDITOR
Pedro C. Dias de Sousa

ANO 2.º

LISBOA, JULHO-AGOSTO DE 1941

N.º 12

MECÂNICA PSÍQUICA

pelo coronel Faure da Rosa

N O começo da segunda metade do século XIX — escreve René Sudre ⁽¹⁾ — havia uma única teoria que procurava explicar o movimento das chamadas «mesas falantes»: a dos movimentos inconscientes daquêles que pousavam as mãos nas mesas. O conde de Gasparin, porém, em 1854, demonstrou que uma mesa podia mover-se, sem o contacto das mãos, facto incontroverso desde que previamente se espalhe no tampo da mesa uma camada leve de farinha, ou de qualquer outro pó. Tendo procedido assim, Gasparin verificou que a camada de farinha permanecia intacta.

Não obstante Gasparin ter sido apoiado pelo professor Thury, de Genebra, o movimento sem contacto continuou a ser negado e foi, até, umas das alegações extravagantes e charlatanescas do magnetismo animal. Foram os ingleses que reabilitaram as experiências e as idéias de Gasparin. A força psíquica de Crookes, susceptível de se transmitir aos corpos materiais através da água e do ar, não é mais que o fluido de Gasparin e a força «ecténica» ⁽²⁾ de Thury. Tal força é uma das modalidades do ectoplasma, cuja teoria

foi estabelecida por Richet e Morselli, a seguir às experiências com Eusápia Paladino.

Depois de Crookes, experimentou-se medir esta força, capaz de agir mecanicamente a distância, capaz de deslocar objectos, de levantar mesas e de as manter no ar, sem apóio visível. Para conseguirem essa medição, empregaram balanças e dinamómetros a que adicionaram registadores movidos por um sistema de relojoaria, de maneira que tornasse o fenómeno tão objectivo, quanto possível.

Os sábios italianos já tinham verificado que Eusápia Paladino podia aumentar ou diminuir o peso de uma mesa suspensa, por um dos cantos, ao gancho dum dinamómetro, sem lhe tocar.

Nas experiências realizadas no Instituto Psicológico de Paris, em 1906, Eusápia, com-

⁽¹⁾ *La Mecanique Psychique*. Tradução e adaptação, dos livros de W. J. Crawford — «*The reality of psychic phenomena*», «*Experiments in psychical science*» e «*The structures at the Goligher Circle*». Crawford era doutor em ciências e professor de mecânica aplicada, na Universidade de Belfast.

⁽²⁾ De ectenia, extensão. Força pela qual se produzem os fenómenos a distância, longe do médium.

pleta e sólidamente atada, conseguiu provocar a levitação duma mesa, cujos quatro pés metidos em prismas de madeira, assentavam em contactos eléctricos. Viu-se, pela primeira vez, instalando a médium numa balança romana, que o seu pêso aumentava em quantidade igual, pouco mais ou menos, ao pêso da mesa.

O liame fluídico entre o médium e os objectos deslocados era invisível, muitas vezes; mas, com Eusápia, viam-se mãos, mais ou menos nebulosas, agarrar os objectos e transportá-los, através do espaço. A teoria da telequinésia, isto é, da acção a distância, foi sendo elaborada pouco a pouco.

Com o ectoplasma que o médium emite e que tira da sua própria substância, são modelados membros, cujas impressões podem ser recolhidas na argila. Alguns médiuns aproveitam o seu ectoplasma, unicamente, no fabrico de alavancas, pinças, fios... em resumo, no fabrico de ferramentas fluídicas, curtas e reduzidas à forma mecânica essencial. As esplêndidas experiências de Ochorowicz e as de Schrenck-Notzing, com a médium Stanislaw Tomczyk, confirmam, em todos os pontos, estas induções. Se cotejarmos estas experiências com aquelas em que o ectoplasma modela figuras, o problema das materializações apresenta-se sob um duplo aspecto: as criações artísticas e as criações utilitárias, quer sejam devidas, segundo a teoria espírita, à intervenção de espíritos desencarnados, — quer se devam, segundo os animistas, à colaboração, mais ou menos inconsciente, do médium e do operador.

Crawford deduz três teorias principais: uma da levitação das mesas; outra dos «raps», e a terceira do ectoplasma. Começou por estabelecer que, em uma levitação completa, o pêso da mesa sobrecarrega o médium, ⁽¹⁾ excepto o duma pequena parte da reacção (3%), que é suportada pelos assistentes.

Vê-se, pois, que tudo se passa como se a médium levantasse a mesa com as mãos. Sudre observa que não é preciso ser muito entendido em mecânica para, desde logo, supôr que, neste caso, o médium está ligado à mesa por um liame rígido, embora invisível: é a ponte, a alavanca do médium, da mesa de Crawford. Esta alavanca não é uma substância inerte; é uma substância viva, capaz de exercer esforços autónomos fora de toda a previsão lógica.

Quando os corpos a levitar eram leves, o médium erguia-os com a sua alavanca estendida; quando eram excessivamente pesados e o esforço os torcia, o médium dava à alavanca a curvatura necessária para obter um ponto de apoio no solo.

A teoria dos «raps» é uma consequência da alavanca. Assim como os operadores invisíveis fabricam hastes para levantar a mesa, igualmente as fabricam, de outro modelo, para darem pancadas e produzirem vários ruídos, desde o choque do martelo de forja, até à fricção da lixa na madeira. A extremidade das hastes materializa-se para este fim. E, deste modo, chegamos à teoria do ectoplasma, cujo pêso e método de corantes adoptado, e cujas impressões deixadas na argila, são, inteiramente convincentes.

É de pasmar — nota Sudre — como um resultado que, *a priori*, constituía uma presunção de fraude — a impressão das meias da médium na argila — é de pasmar como, pelo contrário, se torna em a prova mais brilhante da existência do ectoplasma e da sua origem.

«Num laboratório de mecânica» — diz Crawford — «nós aplicamos, por exemplo, uma força dum certo número de quilogramas a certa parte de determinada máquina e podemos esperar, sempre, o mesmo resultado. No domínio psíquico não é de esperar que a mesma causa produza sempre os mesmos efeitos. Os nossos instrumentos, no trabalho científico ordinário, obedecem à nossa vontade, ao passo que no trabalho psíquico obedecem, muitas vezes, a tudo menos a nós, e são os factores desconhecidos que predominam.»

O professor Crawford teve a coragem de declarar formalmente no prefácio do seu primeiro livro (*The reality of psychic phenomena*) que estava «pessoalmente convencido de que os operadores invisíveis são os espíritos dos seres humanos que passaram ao Além». Quer dizer, Crawford fez profissão de fé espírita.

Os dois anos de trabalho que se seguiram, mais lhe robusteceram a fé espírita. No seu segundo livro (*Experiments in psychical*

⁽¹⁾ Este facto foi rigorosamente verificado nas experiências efectuadas por Schrenck-Notzing e Grunewald com aparelhos registadores devidos a este último.

science). Crawford repete: «*Eu tenho toda a certeza de que os operadores são homens desencarnados...* Vi e ouvi o bastante, em vários grupos, para me persuadir de que o homem, realmente, não morre, quando é atingido pela morte física, mas passa a um outro estado de existência...»

Sudre observa que a convicção de Crawford não é uma crença religiosa; é uma hipótese científica que em nada afecta o rigor da sua observação.

Ao mesmo tempo que rejubilava com o interesse crescente do público pelos seus trabalhos, Crawford não se indignava com a atitude dos jornais que — convictos de que se tratava de mais uma superstição a demolir — combatiam a nova ciência. «A julgar pelos artigos hostis que, de vez em quando, aparecem na imprensa — escrevia ele — qualquer pessoa mal informada poderia concluir que os fenómenos psíquicos e, em geral, as questões psíquicas, são pura invencionice e que os homens que deles se ocupam, ou são invencioneiros ou papalvos. A atitude de superioridade da maior parte da imprensa é muito divertida...»

Crawford recomendava aos próprios investigadores: «Limitai-vos a observar, com a maior atenção, uma pequena parte de determinada fenomenologia, porque o assunto é tão vasto que nenhum homem o pode abarcar. Não percais tempo a verificar eternamente a realidade dos fenómenos. Quando estiverdes convencidos de que esses fenómenos são autênticos, não tenteis convencer toda a gente; é impossível.

«Eu quero trabalhar para a descoberta das leis psíquicas que são tão reais como as leis físicas, a-fim-de que, no futuro, deixe de haver mistério. E quando o mistério tiver desaparecido, desaparecerão, também, os negociantes do mistério».

Infelizmente, a morte arrebatou-o muito antes de levar a cabo o seu propósito.

É sina de todos os homens de ciência que mais dedicada e corajosamente têm estudado os fenómenos supranormais, serem mofados, perseguidos, maltratados, caluniados... De nada vale chamarem-se Crookes (o descobridor do *talium*, o inventor do radiómetro e dos tubos que têm o seu nome); Richet (o descobridor da *seroterapia* e da *anafilaxia*); Oliver Lodge (físico e professor), Maxwell (magistrado)... são todos considerados «ingênuos»

pelos cientistas seus pares, eufemismo galante de néscio ou de parvo.

Crawford não podia ser exceptuado.

Em 1922, Fournier d'Albe publicou o livro «*The Goligher Cercle*» (O Grupo Goligher), em que insinua que os membros deste grupo, à excepção do experimentador, eram todos fraudadores. Crawford ingressou, portanto, na extensa lista dos «ingênuos».

Este Fournier d'Albe recebera de Crawford o encargo testamentário de continuar as experiências por ele executadas durante seis anos, com o maior rigor científico. Pois a este Fournier d'Albe bastaram três meses e vinte sessões para ter o condão de descobrir fraudes e mais fraudes. Uma das que ele aponta e que mais o teria ferido: percebeu, ou julgou perceber, à luz fraca da lanterna vermelha, que o pé da médium se movia para erguer um pequeno tambor ou qualquer outro objecto. É preciso conhecer mui pouco da psicologia da suspeita para não adivinhar que, a partir desse momento, todos os fenómenos foram tidos por artificiosos. É preciso, também, ignorar a psicologia da mediunidade para desconhecer que semelhante desconfiança, aumentando de mais em mais a hostilidade, viria a paralisar a faculdade da médium. Foi o que aconteceu e as sessões acabaram.

René Sudre, metapsiquista exigente, principalmente em tudo que respeita à fenomenologia supranormal, declara que «foi de ânimo leve que Fournier d'Albe tentou demolir — numas escassas vinte sessões em que a falta de método era evidente — um trabalho que custou ao honesto Crawford anos de provas engenhosas e de contra-provas severas.

É sabido que, quando os médiuns actuam a distância, movem os membros ou soerguem o corpo. O próprio Crawford o notou: «No grupo em que trabalha a médium Kathleen Goligher — escreve ele — passam-se coisas que podem parecer fraudulentas a um observador superficial. Por exemplo: acontece que o corpo da médium, ou parte do corpo, executa movimentos espasmódicos, quando se produzem violentos «raps». Ora, isto não representa mais que reacções; mas quem andar à cata de fraudes, imediatamente atribui os movimentos a impostura... Esta semelhança accidental dos fenómenos verdadeiros e dos fenómenos simulados é muito desconcertante para quem faça experiências pela primeira vez. Tal semelhança tem sido

fatal a muitas obras do domínio psíquico, cheias de promessas».

A calúnia, ainda no Além o perseguiu. Crawford suicidou-se em 30 de Julho de 1920, durante o acesso duma febre cerebral causada pelo excesso de trabalho profissional e pelas condições criadas pela Grande Guerra de 1914-1918. Aproveitaram-se dessa circunstância para insinuar que fôra a descoberta de fraudes nas experiências do grupo Goligher e, portanto, o desabamento de tãda a sua obra, que o levara a êsse acto de desespero. Ora, numa carta escrita quatro dias antes da sua morte e dirigida a David Gow, director da «*Light*», dizia Crawford: «Sinto-me muito deprimido mentalmente. ¡E tão bem me sentia há algumas semanas atrás!... Não são os trabalhos psíquicos a que eu me entregava com muito prazer... Estou-lhe muito reconhecido por ter dito que essa obra ficará. Foi tão conscienciosamente feita que não é possível encontrar lacunas ou êrros materiais».

McCarthy Stephensen, que tomou parte nas experiências do Dr. Crawford com a médium Kathleen Goligher, depois casada com Donaldson, demonstra a autenticidade dos fenómenos produzidos e, assim, prova que foram caluniosas as suspeitas de fraude que os detractores lançaram naquela médium. Escreve Stephensen: ⁽¹⁾ Vi a mesa erguer-se e voltar-se. Eu estava sentado em cima da mesa e fui atirado ao chão. Senti a fôrça fluídica nas axilas, e, a meu pedido, senti que me davam pancadas na sola dos sapatos... Com tãda a minha fôrça, tentei empurrar a mesa — que, apenas, pesava doze libras, pouco mais de cinco quilos — mas a fôrça psíquica foi mais potente do que a minha, não obstante o esforço por mim empregado ter-me feito transpirar. A fôrça fluídica parecia que tomãra a forma de alavancas, com ventosas nas extremidades. Até se ouviam as ventosas colarem-se à mesa».

O processo de contrôlo fotográfico era constituído por três aparelhos fotográficos de raios infra-vermelhos, o que permitiu poder-se afirmar a autenticidade dos fenómenos produzidos pela médium Goligher. Donaldson — marido da médium — gastou tempo e dinheiro, mas conseguiu desmascarar os Fournier d'Albe e outros impostores: as emanações ectoplásmicas foram fotografadas nas melhores condições de contrôlo científico.

* * *

Crawford quási que só se ocupou da mediunidade física. Em 138 sessões, apenas 4 foram destinadas à captação da «voz directa».

Crawford conclui que os fenómenos são originados por projecções flexíveis, semelhantes a vergõteas, que saem do corpo do médium.

São estas vergõteas que, verdadeiramente, produzem os fenómenos: levitações, movimentos de mesas, «raps», toques, etc.

Crawford regista as seguintes características de uma das vergõteas:

- 1.^a Sai directamente do corpo do médium e, pelo mesmo processo, o corpo a reabsorve. Não pode alongar-se indefinidamente. Quando as condições são favoráveis, a extremidade chega até 1^m,5 do médium e pode mover a mesa. É comparável a um feixe de projecções filamentosas, finas e fixadas ao médium como as raízes duma árvore se fixam ao terreno.
- 2.^a Pode descrever um grande ângulo e, assim, fazer mover corpos sólidos. Também pode deslocar-se até certo ponto num plano vertical.
- 3.^a Pode ser fixada ou detida, à vontade, dentro dos limites da sua extensão, e, igualmente, transformar-se em alavanca.
- 4.^a Pode transmitir fôrças de atracção e de repulsão.
- 5.^a A extremidade livre pode prender um corpo sólido, por adesão.
- 6.^a Todos os movimentos provêm do interior do corpo do médium.
- 7.^a As dimensões são muito variáveis, bem como a forma e o estado da sua extremidade livre. Para a produção de «raps» ordinários, parece que uma certa quantidade de matéria se concentra junto da extremidade. Para outras manifestações sonoras, tais como: a imitação de uma bola a saltar, o barulho de serragem e o de unhas a raspar, etc., parece que há modificações particulares. Na levitação, a extremidade livre recurva-se e cola-se à mesa.

⁽¹⁾ *Revue Spirite*, Janeiro de 1937 — p. 23.

Crawford não sabe qual seja a composição da vergôntea e qual seja o processo por que adquire as propriedades de corpo sólido. A sensação que a sua substância produz ao contacto da mão, debaixo da mesa e afastada do chão, é a de que se toca num pequeno reptil.

Crawford está convencido de que a substância das materializações e a que sentiu debaixo da mesa, são iguais, na essência, com esta diferença, apenas: ao passo que a primeira — a das materializações — saía, às vezes, da bôca do médium e era perfeitamente visível, a segunda — a de debaixo da mesa — não era visível. A substância condensada debaixo da mesa, deve ser, portanto, de qualidade mais rudimentar e constituir uma fase menos avançada da materialização; estava completamente inerte e, quando Crawford a atravessava com a mão, a mesa caía.

Esta mesma substância, fria, húmida, reptiliana, sentiu-a Crawford próximo das axilas do médium quando os «raps» se ouviam nessa região, no começo duma sessão.

Duas das experiências — as que figuram com os números 59 e 60 — provam que se exerce uma pressão mecânica, que vai do médium para a mesa levitada e que a mesa cai se a linha fôr cortada.

O «processus» preliminar da levitação consiste no assentamento de uma espécie de liame, muito pouco consistente, entre o médium e a mesa ou entre o médium e o prato da balança. Admite-se que êste liame seja feito de alguns fios de substância semelhante à matéria orgânica que sai da bôca do médium, mas ainda mais fina e fora da zona de visibilidade.

Schrenck-Notzing mostrou que a matéria filamentosa do seu médium se contraía e se movia com a mesma aparência de finalidade, como se estivesse viva e fôsse consciente.

Richet (1) diz que a explicação dos fenómenos de levitação dada por Crawford está absolutamente conforme com a que êle tirou das suas experiências com Eusápia Paladino, e considera as de Crawford as melhores que se têm realizado, depois das que se efectuaram com Eusápia e Home.

O professor Barrett, que assistiu a uma das sessões, confirmou que a mesa se movia sem contacto e que se produziam «raps», inexplicáveis pelas causas mecânicas habituais.

Kathleen Goligher era médium não profis-

sional e tinha então (1917) vinte e um anos de idade.

Logo que a sessão principiava, ouviam-se, imediatamente, ruídos — tape... tape... tape... — no sobrado, junto da médium. Depois, os ruídos tornavam-se cada vez mais fortes, na mesa e nas cadeiras dos assistentes. Por vezes, os sons eram como marteladas, tão intensas, que se ouviam fora da sala e faziam tremer o sobrado e as cadeiras. Imitavam, admiravelmente, diversos ruídos: o passo de um homem, o trote dum cavalo, a fricção dum fósforo, uma bola a saltar...

Richet considera da maior importância os factos extraordinários metódicamente observados no Grupo Goligher, com tôdas as precauções e com um espírito científico rigoroso. A realidade das ectoplasmias, reveladas nas experiências feitas com as médiuns Eusápia Paladino, Marthe Béraud, Stanislaw Tomczyk, ficou definitivamente demonstrada com as experiências de Crawford, das quais êle tirou excelentes fotografias.

(1) *Traité de Metapsychique*, p. 551.

O CRISTO

O Cristo é o protesto vivo. Mas protesto de quê?

¿Da carne contra a inteligência? Não!

¿Do direito contra o dever? — Não!

¿Da atracção física contra a atracção moral? — Não e não!

¿Da imaginação contra a razão universal? ¿Da loucura contra a sabedoria? — Não, mil vezes não, mais uma vez não!

O Cristo é o dever real que protesta eternamente contra o direito imaginário. É a emancipação do espírito, que rompe a servidão da carne. É o devotamento revoltado contra o egoísmo. É a modéstia sublime que responde ao orgulho: ¡Eu não te obedecerei!

O Cristo está só. O Cristo está viúvo. O Cristo está triste. Porque?

É que a mulher prostituiu-se. É que a sociedade é acusada de roubo. É que a alegria é egoísta, é impia.

O Cristo é julgado, é condenado, é executado e adoram-no.

Isto passou-se num mundo talvez tão sério como o nosso...

Eliphas Levi

CAMILO FLAMMARION

UM CARÁCTER

(Tradução de I. D. S.)

pelo Dr. Luís M. di Cristóforo

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» na Argentina)

Evocar o nome de Flammarion é enunciar todo um sistema de labor humano: a astronomia. O nome de Flammarion evidencia claramente a sua operosidade dominadora, de germinação fortificante. Qualquer pergunta que se relacione com Flammarion tem sempre a astronomia como resposta.

Poderão criticar-lhe o procedimento, ameçadas vezes ardente, mas ninguém conseguirá abalar-lhe a acção, dirigida com equilíbrio para os seus objectivos.

A sua obra pausada, mas de extraordinária envergadura, leal nos fins, sincera consigo mesma por cima de tudo o que pudesse debater-se em torno dela, encerra um aproveitável ensinamento.

Nem contemplação, nem disfarce: sempre a defesa airosa daquilo que se crê e sente, razoavelmente, como verdade. Dignidade na acção, honradez no gesto; exemplo em todas as conjunturas. Foi primoroso representante (poeta da ciência) dum ciclo áureo que opulentamente integrara e conformara uma bagagem própria e diferenciada. As suas investigações responderam a novas necessidades, em demanda de resposta às suas inquietações; e assim ampliou continuamente a intensidade das investigações que empreendeu.

O génio de Juvissey era entusiasta como um

poeta e subtil como um crítico. Tudo em bela desordem — como a bela desordem da sua clássica e branca cabeleira — desordem que, ordenadamente, tendia a qualquer coisa nova que viesse aumentar os conhecimentos humanos. Solitário à sua maneira, constrói para

todos. Gostou sempre das humanidades múltiplas. A sua vida resumiu-se num gesto gaiano: não crê na sinceridade de todos, mas tudo confia da sinceridade dos que trabalham e pensam para a humanidade.

Como astrónomo de largas vistas, estuda, observa e investiga os problemas da alma, isto é, dum mundo de planetas, passa a um mundo de sentimentos. Sabe que este último é tão grande ou maior do que aquêle e que o conhecimento de um ilumina o conhecimento do outro.

Reconhece a ciência oficial como o triunfo do mediocrismo. Sincero em extremo, sempre proclamou o regresso da ciência ao espírito, demonstrando que esse retôrno triunfante não poderia denegrir a filosofia, nem matar as especulações científicas, que certamente evolucionariam, se aumentassem em veracidade, beleza e objectivo moral. Esta sede de progresso parece um auto-retrato.

Era extremamente esforçado, chegando a afirmar — quanta certeza! — que, se o número de espiritas aumentasse, em detrimento



CAMILO FLAMMARION

da qualidade, tal fenómeno revelaria decadência doutrinária, visto que o triunfo da mediocridade, como sucede em arte e literatura, é um triunfo sufocante e negativo.

É que as coisas espirituais — dizia êle, finalmente — não são questão de número, mas de acção. Dir-se-ia viver na Argentina de hoje, na nossa presente organização social.

* * *

Flammarion possuía a arte da ciência ou a ciência da arte. Realmente, êle foi e continua a ser ainda, por muitas razões, um caso raríssimo de trabalho intelectual, de legítimo valor, talentoso, sensitivo e criador, pois toda a sua vida é magnífica trajectória de dinamismo exemplar.

Para êle, só havia uma perfectibilidade humana, qualquer que fôsse o rumo moral ou estudioso que se escolhesse. «Na ascensão das almas — afirmava êle, com dialética vibrante e cheia de poesia — tanto valem as qualidades morais, como as intelectuais. Arrebatado desde os verdes anos por semelhantes inquietações com Hugo e Kardec, Flammarion trilhava por vezes sozinho, outras vezes acompanhado, arborizados caminhos que de-certo contemplaram a ambrosia de três almas, três gigantescos mestres, simultaneamente iguais e diferentes no superior e glorioso processo de esboçar as suas inquietudes, discorrendo interpretações e transfundindo entre si a excelisitude espiritualizada das suas sensações de humanidade.

Podemos calcular como teriam sido essas práticas. Ao lado do sereno Kardec, a impetuosidade quasi irreverente de Hugo e a virilidade de Flammarion. Porque, na verdade, Flammarion é um exemplo viril. Virilidade de estar sozinho e, antecipadamente, contra tudo e todos. Virilidade de se impor por si próprio e, antecipadamente, também contra tudo e todos.

Recordemos o êxito mundial do seu livro «Pluralidade dos Mundos Habitados», que êle escreveu antes dos vinte anos. Essas práticas denunciaram balisas; aquêles conhecia as misérias da alma; o outro conhecia as misérias da humanidade; êste conhecia a miséria dos mundos e de tantas civilizações e humanidades extintas. Um compreendia a insignificância da alma; outro, a insignificância da

humanidade e êste a dos mundos. Três principios gémeos e um só fim: a elevação racional do ser humano.

Tal como a vida dos grandes homens, a vida dêste grande carácter que é Flammarion, foi uma vida docemente agitada, em prol do que êle entendia por verdade. A sua acção dirigiu-se inteiramente para melhor ubiquidade e compreensão da verdadeira transcendência dos problemas da alma.

«Um filósofo enxertado em sábio», — dizia o engenheiro Gabriel Delanne, a respeito do doutor Camilo Flammarion, que foi um sofrendor de grandes paixões, de grandes dores, na luta incansável pela verdade. Em todo êle há segurança, fácil e profunda segurança.

Quem o lê, ama-o. Admira-o, que é o mesmo, pois ler uma obra de Flammarion — qualquer que seja, dentre as da sua enorme produção — é sintonizar um cântico de vida, um sentimento amoroso, é ler optimismo, é respirar beleza e, principalmente, sentir pura emulação. ¡Oh, como as generosas virtudes das grandes almas estimulam! Na pequenez que dissecam, achamos a nossa pequenez; na grandeza que esboçam, queremos ver reflectidas as nossas grandezas. Flammarion é um sólido vínculo entre as ânsias espirituais dos nossos mestres (êle é, talvez, o mais característico de todos) e as ânsias de estudo que nós próprios devemos criar. Flammarion reaviva-nos a chama idealista que julgamos mais apagada, precisamente, porque a sua trajectória é dum idealista construtor por excelência.

Escritor de fibra, dir-se-ia compreender toda uma raça de escritores; eterno poeta. Foi um autêntico escritor científico; filósofo por vocação, não podia deixar de escrever com a elegante simplicidade das verdades que se expõem à luz meridiana, à zombaria das multidões e ao espírito negativista dos interessados. Não podia deixar de brilhar para se impor, embora pese a todos êles.

Senhor dum novo sentimento e possuidor duma preciosa convicção de supervida, resalta nele, acima das suas numerosas e belas qualidades, a ingénita qualidade de homem. De homem e de carácter.

Enamorado dos céus, trabalhou para que na terra os homens tivessem um ideal. Escrutando os céus, trabalhou para a terra. Crítico à sua maneira, foi sempre construtivo; com o fogo do seu carácter e o lirismo varonil de toda a sua existência em magnífica atitude,

podia ter triunfado em qualquer ramo a que se dedicasse.

* * *

Como é grande, tudo à sua volta se engrandece. A sua acção desenvolve-se, firmemente, em prol da ciência da alma — como lhe chama — e por ela trabalha sem desfalecimento, com ardoroso contágio.

Flammarion é o impulso vigoroso e fertilizante, o raciocínio ilustre e claro, a tenacidade infatigável, feita carne e posta ao serviço da humanidade, voltada para um ideal de libertação. Identificado com a essência das grandes causas, polarizava os anelos que emprestam irresistibilidade e beleza atractiva proveniente da sua fervorosa sinceridade, irmanada no afã louvável do bem colectivo e do império da beleza e da verdade sobre as coisas e os homens.

De certo modo, Flammarion empunhou o estandarte vanguardista, revelador da eterna indagação. Lembremo-nos do significado apoteótico da sua despedida a Kardec, aquêlê «até logo, até à vista», ao qual a pátina do tempo deu o verdadeiro sentido histórico da sua consagração.

Pois êle empunhou êsse estandarte com decisão exemplar, digníssima, imaculada, com gesto que só os grandes possuem, em atitude viril e intangível.

Flammarion possuiu e interpretou uma consciência idealista, altamente espiritualizada, e soube expor com facilidade e convicção, mercê de incontida força criadora de atávico sentido conquistador. A sua palavra e o seu gesto, sempre judiciosos e sensatos, são sempre fecundantes e germinadoras.

Ao passar por tôdas as fases do espírito humano, aponta o caminho aos que procuram dessedentar-se e encontra, a-final, o seu próprio caminho.

É um cérebro másculo. Todo o seu pensamento, enflorado de poesia, sintetizava o verdadeiro conhecimento científico. Com factos, prometia aos outros a sua própria idealidade.

Era genialmente inclinado às mais belas correntes do século e por isso a sua ascensão foi uma luta superante. A sua convicção espiritual representou magnífico exercício para os seus continuadores. Sentia, pensando, — ou pensava, sentindo — porque tinha a formosa

conquista do equilíbrio entre o cérebro e o coração.

Como homem de ciência, foi, sobretudo, um grande sonhador, um grande coração; e como homem de sentimento, foi um intelectual, um autêntico estudioso. Coerente com suas convicções idealistas, inovador ardente, investigador cheio de nobreza, foi um artista à sua maneira.

«Poeta dos céus», como lhe chamou, acertadamente, Michelet, constitui um verdadeiro carácter: faltava-lhe ambiente e criou-o; faltavam-lhe os meios e criou-os; faltava-lhe alento e criou-o; finalmente, faltava-lhe ciência e criou-a. Ao falar de astronomia, não se sabe onde ela começa e onde começa Flammarion.

Eternamente jovem, a sua vida é uma trajectória ascendente; o seu cordial sorriso à flor dos lábios deu sempre foros de cidadania a uma nova ordem de coisas e estudos, áridos antes do seu sorriso e depois complexos e atraentes, mercê do seu exemplo, do seu formoso e edificante exemplo...

Reflexões do Além

(Mediúnico)

por Henrique Magalhães

Sede sinceros para com os vossos irmãos. Na sinceridade dos vossos actos encontrareis motivos de elevação moral para os vossos semelhantes. Se assim procederdes, Deus vos concederá o galardão da vitória.

O homem de bem nunca deixa de trabalhar em benefício do seu semelhante, encontrando nêsse mister motivo de alegria.

Procurai ser benevolentes. Na brandura das vossas palavras dais o exemplo aos coléricos, concorrendo dessa forma para que êles se tornem brandos.

«Não leveis alforge nem alparcas», — disse Jesus: — «Ide e prégai o evangelho». Sêde vós outros os continuadores dessa pregação.

¿Qual de vós é capaz de resistir à calúnia? Todo aquêlê que se munir com a couraça da tolerância, está apto a resistir-lhe.

O PROBLEMA DA MORTE

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

II

ENCAREMOS agora o problema da Morte, segundo o conceito panteísta.

O panteísmo veio-nos da Índia, como muitos outros princípios filosóficos que revolucionam o pensamento humano, na eterna busca da Verdade.

Quem, na Europa, lhe deu foros de cidade, foi Spinoza, e depois Fichte, Schelling, Hegel e Schopenhauer, no século XIX. Baseia-se na teoria da unidade da substância, segundo a qual Deus é tudo. Allan Kardec, no seu livro «O Céu e o Inferno», cap. I, faz os seguintes comentários a esta doutrina:

«O panteísmo propriamente dito considera o princípio universal da vida e inteligência como constituindo a Divindade. Deus é concomitantemente espírito e matéria; todos os seres, todos os corpos da natureza compõem a Divindade, da qual são as moléculas e os elementos constitutivos; Deus é o conjunto de todas as inteligências reunidas; cada indivíduo, sendo uma parte do todo, é Deus ele próprio; nenhum ser superior e independente rege o conjunto; o universo é uma imensa república sem chefe, ou antes, onde cada qual é chefe com poder asoluto.

Esta síntese magistral mostra-nos *a priori* que tal doutrina é um absurdo inconcebível. Felizmente, só uma pequeníssima parte da humanidade perfilha estes princípios. Calculem agora os meus caros confrades para onde irá o espírito do panteísta que desaparece do mundo terráqueo? Para onde vai a sua personalidade? Mergulhará no nada ou, como eles querem, pulverizar-se-á no Todo Universal, tal qual a água dos rios se confunde com a dos mares.

Dêste modo, o homem só tem três alternativas, como muito bem nos diz ainda o nosso Mestre: «o nada, a absorpção ou a individualidade da alma antes e depois da morte».

O panteísmo, a meu ver, só se admite como expressão poética, porque só os vates têm certas liberdades para exprimirem os seus devaneios literários, a seu belo prazer, ainda que eles colidam com os seus princípios da razão e do bom senso de todos os povos civilizados.

A hipótese espiritualista

Resta-nos agora encarar o problema da morte, se-

gundo a hipótese espiritualista, que nos parece mais racional e que se harmoniza com a ciência e a própria religião.

Todas as religiões reveladas asseveram que a Morte não é o fim da Vida, mas sim o seu lógico prolongamento. Porém, o seu próprio facto infunde tal terror, que até hoje os filósofos não se têm cansado de pressupor o que haverá para além dessa ponte fatal que todos transporemos.

Já Platão, no seu livrinho intitulado «Fédon» no qual Sócrates, antes de tomar a cicuta na prisão, e em vivo diálogo com os seus amigos, nos conta como este discreateou sobre a alma e a morte. Ouçamo-lo:

«Se a morte fôsse a dissolução de toda a existência, seria para os maus um extraordinário benefício o libertarem-se, depois da morte, e ao mesmo tempo, da alma e dos vícios; mas, como a alma é imortal, ela não tem outro meio de libertar-se dos seus males, nem há salvação para ela, senão tornando-se boa e sábia».

Sócrates, além de afirmar a crença na imortalidade da alma, acrescenta que «cada alma gasta muitos corpos, sobretudo se vive um considerável número de anos». É a teoria da reencarnação. Como se vê, as idéias que Allan Kardec sistematizou, são tão antigas como o mundo. Coube-lhe a honra de as correlacionar com a ciência, despidendo-as de toda a ganga, que foram adquirindo, para chegarem até nós.

* * *

Seria muito interessante seguir, através da História, a sequência destas idéias sublimes, se o escopo deste artigo não fôsse ultrapassado.

Assim, demos um salto para os autores dos nossos dias e debruçemo-nos atentamente sobre o livro intitulado «A Morte», de Maurício Maeterlink. Vale a pena analisá-lo, porque este célebre autor belga é um espírito intelectualmente evoluído e cujas especulações filosóficas acerca do problema da morte e seus correlários, nos fazem meditar duas vezes. É pena que as suas permissas não tenham chegado a conclusões seguras e irrefragáveis, porque as suas páginas são tão belas e cheias de misticismo, que nos chegam a empolgar.

Maeterlink é um grande pensador e um incansável

investigador dos mistérios do sêr e do destino das almas. A sua ânsia de atingir a Verdade é semelhante à dos Titãs da Mitologia grega para escalarem o Olimpo. Mas assim como os Titãs não conseguiram o seu intento, porque foram fulminados pelos raios de Júpiter, também Maeterlink, depois das audaciosas congeminções do seu espírito invulgar, nunca chega a uma conclusão axiomática que o satisfaça. Divagando sempre e pairando nas altas regiões incognoscíveis, o seu espírito torna-se insaciável de infinito. Por isso, acumula argumentos sobre argumentos, teorias sobre teorias, num rosário interminável de perguntas, para, afinal, reconhecer a inanidade do seu laborioso esforço.

Mas analisemos a obra que nos propusemos apreciar, porque foi ela que nos inspirou este trabalho.

A edição que possuímos é a 3.^a e foi editada em 1924 e traduzida pelo já falecido Dr. Cândido de Figueiredo.

O autor propõe-se estudar as várias hipóteses explicativas da Morte, especialmente a teosófica e a espiritualista, que são as únicas, diz êle, que se podem discutir seriamente. E assim, documentando o seu livro com as opiniões de afamados pensadores e com as conclusões interessantíssimas a que chegou a *Society for Psychical Research*, de Londres, chega a parecer-nos que o seu espírito, atormentado pela Dúvida, chega finalmente a pôrto de salvamento. Mas, não; eternamente insatisfeito, quer mais e mais e depois perde-se num labirinto inextricável de proposições interrogativas, que nos fazem lembrar o método socrático, mas que nada adiantam. Ê, portanto, um contínuo círculo vicioso, do quel se não desembaraça nunca.

Qual Ícaro, cujas asas são derretidas pelo Sol, por querer subir além do que Dédalo lhe aconselhara, assim o espírito de Maeterlink, no desejo incontido de rasgar o véu que até hoje encobriu os arcanos de Deus, nada mais consegue do que suposições e dúvidas sobre dúvidas. Daí o seu cepticismo intermitente, em relação a todas as filosofias e religiões. Os segredos de Deus são invioláveis e os próprios espíritos superiores não sabem, nem podem revelar-nos êsses segredos. Daí, a origem de tantas religiões e de tantos sistemas filosóficos...

* * *

Maeterlink, depois de nos falar acerca da sobrevivência da nossa consciência e de afirmar que «a maior parte das religiões bem o compreendem assim», continua: «Ê assim que a Igreja Católica, remontando às esperanças mais primitivas, nos assegura não só a manutenção integral do nosso eu terrestre, senão também a ressurreição em nossa própria carne».

Seguem-se os capítulos que tratam das hipóteses

afins: a teosófica e a espírita, comentando depois as aparições e as comunicações com os mortos. São estes capítulos que se nos afiguram mais transcendentes e da máxima importância para nós, espíritas.

Por fim, estuda as últimas experiências da correspondência cruzada e da reencarnação. Os últimos capítulos constituem uma série ininterrupta de interrogações, na esperança de descobrir qualquer fio de luz que o guie nas trevas em que se vê envolvido.

Ê por este esforço constante de querer arrancar o segrêdo da Esfinge, que Maeterlink merece que o estudemos e nos interessemos pela sua obra.

Como disse acima, êle também estuda magistralmente a reencarnação, mas como não é dêsse capítulo que tratamos neste momento, ficará para outro artigo, que constituirá o seu natural complemento.

No capítulo que trata das comunicações com os mortos, Maeterlink comenta as sessões científicas que Myers, Hodgson, Oliver Lodge e William James realizaram durante muitos anos com a médium senhora Piper e chega à conclusão de que se não deve duvidar da autenticidade de tais fenômenos. Destes quatro investigadores, o mais curioso e impaciente de saber onde estão, o que sentem e o que fazem os espíritos, é Myers; por isso, êle promete aos seus amigos, logo que tenha transposto as regiões de além-túmulo, prestar-lhes a melhor colaboração, para completar as suas investigações.

E cumpre o prometido. Um mês depois da sua morte, Oliver Lodge interroga a senhora Thompson em transe. Myers manifesta-se prontamente, mas também não adianta nada ao que já se sabia da vida dos mortos, no mundo invisível.

Por sua vez, Hodgson promete, quando transpuser a cortina da eternidade, ajudar os seus amigos a decifrar aquêle enigma que tanto os intriga. E cumpre a promessa ao fim de oito dias da sua desencarnação. Ê este o caso mais importante citado no livro que estou analisando e que, diga-se em parêntese, se eu não tivesse lido um trabalho magnífico de Ernesto Bozzano que, a seguir, comentarei, as minhas convicções espíritas talvez ficassem um pouco comprometidas.

Nesta célebre sessão, William James, o pai do pragmatismo, pergunta a Hodgson:

«— Hodgson, ¿que tens tu a dizer-nos, a respeito da outra vida?

— Não é uma vaga fantasia, mas uma realidade, responde êle.

— Viveis como nós? — repete W. James. — Tendes fatos, casas? — acrescenta sua mulher.

— Sim, sim, casas; mas fatos, não. Não, isto é absurdo! Esperem um momento; preciso sair.

— Mas voltarás?

— Sim.

E nada daquilo que desejam saber ficou esclarecido.

Este insucesso causa desapontamento a Maeterlink, porque, seguindo-se o seu pensamento, adivinha-se facilmente que seria para ele uma grande satisfação encontrar o fio condutor que o levasse ao simples conhecimento do *modus vivendi* dos desencarnados.

Até mesmo quando está plenamente convencido da autenticidade das aparições dos fantasmas, sem desmentir ou contestar a sua realidade, especialmente a de Katie King, outro eu de Florence Cook, segundo ele, tão bem estudado por William Crookes, surpreendemos a Maeterlink esta afirmação:

«Em todo o caso, não fazem revelação nenhuma sobre a existência de além túmulo; e Katie, tão nova, tão viva, a quem se podiam contar as pulsações, a quem se ouvia bater o coração e que foi fotografada, que distribuía, pelos circunstantes, anéis dos seus cabelos, que respondia a todas as perguntas, não disse uma palavra sobre os segredos do outro mundo».

O autor de «A vida das abêlhas», tem actualmente 79 anos, e é de supôr que tenha continuado a investigar estes assuntos. Não sei se ele alguma vez compulso os belos trabalhos de Ernesto Bozzano, nos quais este ilustre cientista italiano compilou uma série de casos bem elucidativos acerca da forma como vivem e agem os espíritos, no invisível. Se Maeterlink já os leu, certamente a sua opinião a esta hora deve estar muito modificada.

Neste livro «A Morte», porém, ele não podia citar Bozzano, porque só depois de escrita e editada «A Morte» é que Bozzano se converteu ao Espiritismo, depois de ter sido seu acérrimo adversário...

Por isso, se Maeterlink fizesse uma nova edição portuguesa, agora esgotada, nunca escreveria os períodos que passamos a transcrever:

«Aquêles fantasmas, mais ou menos perturbados, atormentados freqüentemente por pesares insignificantes, ainda que viessem do outro mundo, nunca nos trouxeram, acerca desse mundo, cujo prodigioso limiar transpuseram, uma só revelação tópica. Evaporaram-se rapidamente e desaparecem para sempre. ¿Serão acaso os primeiros clarões de outra existência ou os últimos desta?»

Mais adiante, porém, a-pesar destes contratempos imprevistos, o grande pensador flamengo afirma, com certa convicção científica:

«Entretanto, é curioso verificar que há realmente seres que regressam, espectros e fantasmas. Mais uma vez a ciência vem confirmar aqui uma crença geral da humanidade e ensinar-nos que uma crença de tal género, por mais absurda que ao princípio nos pareça, merece sempre ser examinada com cuidado».

Que tal? ¿Não parece quasi uma profissão de fé? Mas não nos iludamos. O pensamento deste escritor é mais escorregadio do que a enguia. Quando julgamos que o temos bem seguro, escapa-se-nos imediatamente. Ele não se quer sujeitar a nenhuma corrente filosófica ou religiosa. O seu pensamento é livre e incoercível. Só a verdade e o desejo constante de devassar o seu reino o impulsiona. Por isso, o surpreendemos a cada passo a monologar, a construir uma teia de hipóteses inverossímeis, das quais não consegue libertar-se, facilmente.

Mas ele não culpa os homens, nem a ciência; é coerente e honesto nos seus processos críticos. Mantém-se sempre à margem de todos os preconceitos de seita, porque só quer investigar, saber onde está a Verdade. Como ninguém a pode monopolizar e todas as tentativas são úteis para a alcançar, ele regista todas as opiniões, sem perfilhar nenhuma delas.

Maeterlink, portanto, é difícil de qualificar. Se nos perguntassem como classificá-lo, responderíamos que o grande pensador belga é um eclético, mesclado de um vago misticismo intermitente, mas eternamente insatisfeito. Por outras palavras: um crente vencido, mas não convencido...

Mas continuando a análise do nosso autor, surpreendemos-lhe esta opinião, aliás sensata, a propósito das possibilidades científicas do Espiritismo:

«Não é em trinta anos que se constrói a mais arrojada ponte que se tem pretendido lançar sobre o rio da morte. A maior parte das ciências têm atrás de si séculos de esforços ingratos e de incertezas estêreis; e entre as mais novas poucas haverá, entendo eu, que, como esta, possam mostrar, desde as primeiras horas, as promessas duma colheita, que não é talvez o que ela julgava ter semeado, mas em que já se anunciam muitos frutos desconhecidos e curiosos».

Deste modo, se infere que Maeterlink é sincero, porque presta a devida justiça a todos os paladinos duma ciência que ainda tem muitos frutos a dar e reconhece que o Espiritismo ainda não disse a última palavra.

Segue-se, depois, o capítulo da reencarnação e suas conseqüências. Mas este assunto, repetimos, será objecto dum novo e último artigo.

Sofrer e lutar pelo cumprimento do dever que nos impusemos é moral e lógico. Por isso, o segredo está em ver bem pelo que se sofre, pelo que se luta.

Quando o ideal ou o lema for justo, caminha à frente. O triunfo está assegurado.

Nada se consegue, senão lutando. É lutando que se aparece na terra e é lutando que se abandona a terra.

(Comunicação do Alto, por REPER-SIAM)

PELA VITÓRIA DO ESPÍRITO

Concepções modernas acêrca de origem, evolução e relações recíprocas de matéria, energia, princípio vital e intelectual, dos astros, da terra, do homem e do complexo alma-espírito

pelo Dr. Fred

II

FRAUNHOFER, Bunzen e Kirchhoff, foram os mais importantes investigadores que se preocuparam com a análise espectral.

Tôdas as substâncias incandescentes, sem serem gasosas, produzem um espectro contínuo, igual para tôdas elas; todos os gases incandescentes produzem um espectro descontínuo, característico de cada gás. Ora, o espectro solar é contínuo. ¿Quer isto dizer, que o Sol é um corpo sólido ou líquido? Não. Sabemos calcular a sua densidade e temperatura e sabemos ao certo que é uma enorme massa gasosa incandescente, embora estes gases estejam condensados na periferia pelo arrefecimento parcial dalguns componentes do vapor. Se um gás ou vapor fôr constituído por vários elementos químicos, obtém-se um «espectro» que é a sobreposição de todos os «espectros» dos elementos. É o que acontece no espectro solar, que é a sobreposição dos «espectros» de todos os elementos conhecidos na Terra. As riscas negras que nêle aparecem são causadas principalmente pela absorção parcial de algumas radiações na atmosfera solar: cromosfera. Êstes estudos fazem-se melhor durante os eclipses totais do Sol, no momento em que a lua, tapando o Sol, permite melhor distinguir as camadas periféricas.

As riscas do espectro dum elemento são, em geral, mais do que uma, correspondentes a diversos comprimentos de onda, distribuindo-se do vermelho ao violeta. O número de riscas visíveis depende muito do grau de dispersão do aparelho. Contudo, são particularmente visíveis as cinco riscas do hidrogénio, as do cálcio, (no violeta), do hélio, do ferro, do carbono, etc. A proporção dos elementos no Sol é muito diferente. Assim, Russel avaliou que, para 1000 átomos de hidrogénio, há um átomo de metal, e os principais são: sódio, ferro, silício (todos ionizados, devido à alta temperatura). Foram até agora cêrca de 60, os elementos identificados no Sol, entre êles, recentemente, o azoto, o enxôfre e o oxigénio (riscas telúricas).

Mostremos em duas palavras a importância do hidrogénio no estudo das estrêlas. Qualquer porção de matéria do interior duma estrêla tem tendência a ser

atraída para o centro de gravidade. Se tôda a matéria obedecesse à gravidade, devia resultar o colapso da estrêla, o que não acontece, devido a uma força que a equilibra, originada pela pressão dos gases e da radiação no interior da estrêla (sabe-se que a energia radiante exerce pressão sôbre as superfícies em que incide). Para esta pressão de radiação ter efeito, visto que é muito elevada, devido à altíssima temperatura interior do astro, êste último deve ter um grande poder de absorção, por sua vez dependente da estrutura opaca do astro e da alta percentagem de hidrogénio, até 70 %.

Outras razões da importância do hidrogénio: os elementos de alto número atômico tendem a destruir-se espontaneamente (desintegração), libertando energia radiante.

Supõe-se assim que, nas estrêlas, a grande libertação de energia radiante é proveniente destas transmutações dos núcleos atômicos. O elemento mais simples que se conhece é o hidrogénio, seguindo-se-lhe o hélio; seria a transformação dum no outro que libertaria a maior parte da energia solar, visto êstes elementos constituírem 70 % da matéria astral.

Isto está de acôrdo com o facto do pêso atômico do hélio ser menos de quatro vezes o do hidrogénio, como era de esperar, atendendo às suas estruturas.

Outra interpretação da origem da energia solar baseia-se na transmutação do carbono em azoto.

As estrêlas também têm diferentes espectros, conforme as idades. Distinguem-se três tipos, segundo a côr das estrêlas: o primeiro tipo é caracterizado, no espectro, por riscas largas e intensas de hidrogénio; o segundo tipo, por apresentar dêste elemento uma série de riscas muito mais finas; e o último, quasi só pela presença de riscas correspondentes a metais. Duma maneira geral, as estrêlas novas, grandes, com a temperatura relativamente baixa (3000° C.) são as menos condensadas. São as de côr vermelha. As estrêlas-anãs são as mais velhas, de matéria mais condensada e também à mesma temperatura, 3000° C.

Se as estrêlas de luz vermelha se condensam, a

sua pressão interna cresce, aumentando a temperatura e a frequência das vibrações, donde resultam, no espectro, novas radiações para o lado do violeta. Evidentemente, a cor da estrela «sobe» na gama, aproximando-se do branco. É o caso da estrela Sírius. Chama-se a este processo de condensação com aumento de temperatura até 10.000° C. superficiais e subida de cor, o «ramo ascendente» da vida da estrela, começando, desde já, com o resfriamento, o «ramo descendente»: a cor branca «desce», acompanhando a queda da temperatura, e a estrela torna-se amarela, etc., até voltar a vermelho, quando atinge a temperatura inicial, fenómeno que se dá, quando a estrela é velha e de matéria condensada. Aparecem então no seu espectro óptico as riscas de Fraunhofer mais escuras, devido à absorção pelo carbono formado.

¿Porque diminui a estrela de volume, quando se condensa? Segundo a teoria einsteiniana, qualquer perda de energia é acompanhada duma perda de massa. Um Sol vermelho, se não tiver sido formado recentemente, é porque já está moribundo (o nosso Sol por exemplo). Os gases então esfriam e por isso liquefazem-se, formando uma crosta que é o começo da extinção da estrela. Mas talvez desta estrela extinta nasça uma nova matéria, um novo astro...

¿Como se forma então uma estrela? Há várias teorias; a mais conhecida é a de Kant-Laplace que descrevemos um pouco simplificada: há uns 5 milhões de anos, em qualquer ponto dos espaços, uma nebulosa foi animada de rotação que lhe fez adquirir, pela força centrífuga, uma forma esferoidal e depois lenticular. Com a rotação contínua, a nebulosa aqueceu, formando uma grande massa ígnea chamada Sol, condensando-se e tomando um núcleo. Da irradiação de calor solar, resfriando proporcionalmente a sua superfície, resulta uma contracção mais forte, embora lenta; e a diminuição de volume origina o aumento da velocidade rotatória, levando ainda a uma maior condensação. Com o aumento da velocidade, cresce a força centrífuga, adiantando-se a nebulosa. Então esta força centrífuga, vencendo a atracção do centro, faz destacar da zona equatorial uma massa em forma de anel que acompanha o movimento rotatório da nebulosa em condensação. O anel começa assim igualmente a tornar-se incandescente, solidificando-se também. Como a velocidade linear dos pontos do bordo externo dos anéis destacados é maior que a do interno, inclina-se o eixo de rotação em relação ao plano das suas órbitas.

Também as nebulosas-anelares aquecem com o aumento da rotação, irradiando calor; mas como o fluxo das radiações emitidas não é constante em toda a superfície, as zonas em que a intensidade radiante é menor são as primeiras a arrefecer e a contrair-se, de-

terminando a formação do núcleo dum planeta, que assim acaba de nascer (e foi Neptuno primeiramente).

A nebulosa não segue a sua evolução como o Sol. Da mesma maneira, os satélites nasceram dos planetas.

Das nebulosas (que têm uma forma espiral e, depois, veremos porquê), nascem, portanto, planetas, ou, em maior grau de condensação, as estrelas embrionárias. Forma-se primeiro uma nebulosa e depois pela rotação a forma evidencia-se mais e mais, originando o nascimento da estrela nova que há-de ter uma temperatura superficial de 3.000° C. e cor vermelha (ex.: Antares). A evolução seguinte é: estrela amarela, 6.000° C. (ex.: Capela); estrela branca, 10.000° C. superficiais, 40 milhões internos (ex.: Sírius, Vega, Altair). Começa depois a evolução descendente: aumento de condensação, envelhecimento, e forma anã, cor amarela, temperatura 6.000° C. (ex.: Centauro); depois: forma anã, mas vermelha, 3.000° C. (Wolff), formação da crosta e extinção. Cada forma tem o seu espectro característico: as estrelas vermelhas têm o espectro indicando abundância de carbono; nas amarelas predominam os metais ionizados e nas brancas predomina o hidrogénio e o hélio. É claro que há estrelas intermédias entre estas classes-tipo; é o caso do nosso Sol, que tem baixa temperatura, pouca luminosidade, pequeno diâmetro, mas bastante hidrogénio.

Portanto, o nosso Sol, tão importante para nós, é no macrocosmos... um nada.

Jean Jeans explica a formação dos mundos pelo choque dum Sol primitivo com uma nebulosa. Como o Sol, matéria gasosa, não pode chocar no verdadeiro sentido da palavra, penetrou na matéria da nebulosa arrastando atrás de si uma cauda de gases quentes, o que se pode comparar com um charuto a arder. Este conjunto consistiria em várias nebulosas formadas pela rotação e distantes umas das outras 2 milhões de anos-luz. Seriam estas que teriam formado os primeiros globos-planetas, dos quais resultariam, por sua vez, satélites, como explica Laplace, isto é, destacando-se do plano equatorial, antes do começo duma condensação acentuada. As massas mais pequenas, com tendência a um resfriamento mais rápido, evoluem mais depressa (é o caso da nossa Lua).

Foram muitas as objecções feitas à teoria de Laplace que não explica os movimentos retrógrados de certos planetas e satélites (cf. adiante) nem porque são inclinados os eixos de rotação dos planetas sobre o plano das suas órbitas (apenas Júpiter tem o seu eixo quasi perpendicular).

Uma esfera em rotação, deve ser achatada e destacar anéis, quasi em disco (Ligondés). Se o nosso

Sol, do qual se destacam anéis, possuía esta forma. devia ter ficado com ela, quando arrefeceu.

Segundo a hipótese de Laplace, não se compreende que um anel de Saturno seja gasoso, que Fobos gire mais rápido do que Marte, que o anel interior de Saturno grave mais lentamente do que o seu planeta-mãe e que, a-final, uma massa gasosa emitida no espaço, se condense, em vez de se dissociar.

Surgiram então várias teorias novas, das quais a mais interessante é a de Arrhenius que, fundamentalmente, nos repete o que Faye e Ligondes nos mostraram: que a nebulosa não seria quente, mas de temperatura -273° C., sem movimentos moleculares e apenas constituída por hidrogénio e hélio que resistem bem às temperaturas baixas da matéria rarefeita do espaço. Arrhenius completa a teoria de Laplace com a consideração de pressão de radiação da energia solar que, segundo Einstein, é equivalente à massa.

Supondo uma pequena esfera nas visinhanças do Sol, a força repulsiva da pressão de radiação venceria a força atractiva newtoniana. Da mesma maneira, os astros podem lançar no espaço pequenas matérias cósmicas electrizadas, pouco densas, que vão constituir as caudas dos cometas, assim como, chegando à atmosfera terrestre, podem constituir as chamadas auroras polares e outras manifestações electromagnéticas. Estas matérias cósmicas electrizadas ligadas à nebulosa, tornam-se luminosas pela própria radiação que as expeliu. As radiações, especialmente as ultravioletas, serão detidas também pelas nebulosas, cujo núcleo nascerá à custa de astros mortos e meteoritos, atraídos por ela.

Começa, então, a condensação do núcleo pelo movimento rotatório da nebulosa, que produz também o seu aquecimento, mas cuja temperatura, aliás, já tinha sido elevada pela penetração de meteoritos quentes (fase estelar). Temperatura e pressão aumentam; uma estrela condensa-se, vive e morre. Um choque de dois astros mortos pode levá-los à desagregação, de forma que os gases hidrogénio e hélio se libertam em espiral, produzindo nova nebulosa, novo astro e, como diz Laplace — um planeta e, deste, um satélite. Se qualquer astro penetrar na nebulosa em rotação, com velocidade linear contrária e superior, resultarão satélites retrógrados! Assim é a circulação dos mundos: astros que renascem, morrem, e chocam entre si, formando nebulosas e novos astros.

No limitado âmbito do nosso trabalho, é impossível mencionar todas as teorias cosmogónicas, tais como: hipóteses de cataclismo, colisões, a teoria planetesimal de Chamberlain, segundo a qual os planetas se formaram à custa de estrelas, a teoria de captação de cometas pelo Sol, etc., etc.

Passemos a descrever o modo como Moreux e

Bélot explicam as formações espirais das nebulosas.

Bélot não se contenta com o facto duma nebulosa primitiva poder explicar a origem dos mundos.

Como as nebulosas revelam turbilhões, forças atractivas e repulsivas; e como todos os planetas têm, pelo menos, dois movimentos principais, deveria haver duas nebulosas primitivas, sendo uma propagadora da outra. Admitem-se, por isso, uma nebulosa amorfa e outra ultra gasosa, a qual em virtude da sua enorme velocidade e pressão enrijesse da mesma forma que um jacto de água, sob enorme pressão, se torna quasi impenetrável. A nebulosa ultragasosa chocaria com a amorfa, formando um sistema vibratório de ondas estacionárias, com máximos e mínimos de vibração. Vejamos como da via láctea se destacou uma massa nebulosa que era o nosso proto-Sol e este, animado de rotação, teve de atravessar obliquamente outra parte da via láctea. Deste choque e afundamento dum corpo em rotação numa massa amorfa, resultou escorregamento e desprendimento do material nebuloso como que em «fólias» enroladas pela rotação, como as que um apara-lápis desprende. Como as rotações dos movimentos iniciais eram oblíquas, a rotação resultante fez-se numa nova direcção.

Emquanto o nosso proto-Sol penetrava a nebulosa, estes fenómenos repetiram-se mais quatro vezes, resultando sempre novas inclinações da rotação (é o que explica as direcções dos eixos dos planetas). No final da travessia, a translação retarda e a subentendida sexta «fólia» não chega a enrolar-se, antes se fragmenta em milhares de salpicos (que constituem o enxame dos asteroides), perturbação esta causada pela atracção de Júpiter, já formado. Resultou também como que uma massa de «pó cósmico» que a pressão de radiação expulsava e que foi aumentar a massa dos vizinhos Júpiter e Saturno, formando as zonas e anéis e dando-lhe a enorme velocidade rotatória que possuem. Ao diminuir de velocidade, o proto-Sol desprende, do extremo anterior livre, grandes gotas de material que constituirão o cortejo de cometas.

A geração dos satélites é análoga à dos planetas. Da condensação da matéria destas «fólias» é que resultaram os planetas do nosso sistema solar, cuja disposição é, numa superfície cónica, de vértice no proto-Sol. Qualquer linha imaginária que passe por todos os planetas, será uma espiral, dando o nome à teoria. Os cálculos de Bélot mostraram que o «passo» deste hélice corresponde às distâncias relativas dos planetas ao Sol, como indica a lei de Bode.

A teoria cosmogónica de Moreux parte da observação de Novae, de vida relativamente efémera. Supõe que o aparecimento das Novae pode corresponder à passagem duma estrela (relativamente obscura) ou duma nuvem escura de natureza semelhante a um con-

junto de partículas sólidas. Pelo choque das duas massas e pela sua parcial volatilização, nasce esta luminosidade excepcional das Novae. Antes de diminuir de intensidade luminosa, a nova estrela envolve-se em nebulosidades análogas às que marginam os núcleos das nebulosas espirais. Analisando, pelas fórmulas da mecânica, o que se passaria em semelhante encontro, Moreux encontrou, para a forma resultante, a equação característica duma curva espiralóide, sendo o primeiro ramo da espiral formado pelo derramamento dos corpúsculos da vizinhança em rotação e o segundo ramo da espiral desenhado pelos corpúsculos mais distantes perturbados nas suas órbitas, chocando entre si sob diminuição das suas velocidades individuais e atraídos secundariamente pela estrela perturbadora.

O que nenhum destes sistemas indica é donde surgir a primeira matéria, a primeira nebulosa e o primeiro movimento. Demonstraremos no decorrer deste trabalho que a primeira nebulosa — no caso que dela resultasse todo o nosso Universo — nasceu de «fluido» cósmico, isto é, energia e pensamento divino que se materializaram nos elementos de mais baixo número atômico (hidrogénio e hélio), materialização que se realizou à temperatura de zero absoluto, em que toda a matéria, matematicamente, se dissolverá.

Há de, também, chegar-se à conclusão de que toda a matéria se desmaterializará, regressando à sua fonte de energia, com libertação de energia calorífica.

Quando morre, uma estrela ainda pode conservar o seu centro de incandescência por muitos milhares de anos, sendo até susceptível de evolucionar.

Talvez se explique assim o aparecimento de estrelas novas, por exemplo, da Perseus, em 1901, distante da Terra 110 anos-luz e cujos raios luminosos caminham para nós desde a Revolução Francesa.

¿Será possível que estrelas novas resultem de choques ou fricções com poeiras cósmicas, choques que lhes diminuam a sua velocidade rotatória, fundindo a crosta, de forma que o interior ígneo se exteriorize sob a forma de nebulosas, donde nascerá uma nova estrela? ¿Ou haverá dissolução própria dos astros com perda de massa e dispêndio de energia, que seria, segundo Nernst, recuperada pelo «éter»? Estas estrelas novas, das quais umas trinta aparecem anualmente no nosso sistema lácteo, são muitas vezes estrelas antigas com luz muito fraca que aumentam inesperadamente a luminosidade, até 40 mil vezes, e até 100 milhões de vezes, nas chamadas super-novas. Uma grande catástrofe!

Consumida esta nova energia, a estrela volta, lentamente, a extinguir-se.

No seu máximo de luminosidade, estas novas estrelas apresentam um espectro de grande absorção, permitindo calcular a temperatura da superfície em

cêrca de 10.000° C., o que representa enorme superfície de radiação, quer dizer, aumento intenso de volume do astro. Pelos deslocamentos das linhas espectrais, podemos avaliar as velocidades dos envólucros das estrelas que se deslocam à velocidade de 1.200 km. por segundo. Por isso, se aparecer hoje uma super-nova, sabemos que o seu envólucro deve ter sido projectado no espaço. É interessante saber que uma super-nova irradia, num só ano, tanta energia como o Sol, em 45 milhões de anos. ¡Nêste mundo está tudo tão bem regulado! Falta de energia, não deve haver, visto que, quando esta escasseia, surge uma super-nova, fornecendo nova energia para cêrca de 50 milhões de anos.

A super-nova descoberta por Kniper tem a temperatura de 30.000° C. e a densidade de 35 milhões de vezes a da água. Perguntem como se harmoniza esta grande densidade com a natureza gasosa da estrela. Quanto mais sólido é um corpo, mais coerentes são as suas moléculas e maior a sua densidade.

Ora, vemos aqui o que ensina Einstein, isto é, que a densidade depende muito menos da massa do que da energia, equivalente à massa. Se pesássemos o nosso Sol, encontraríamos um valor mínimo, em relação à sua natureza e dimensões.

As leis da Natureza

As leis da Natureza regem o movimento dos átomos nos seres vivos, como nos inorgânicos: a mesma molécula passa sucessivamente do mineral ao vegetal e ao animal, neles encorporando-se, segundo as leis que organizam todas as coisas.

A molécula do ácido carbónico a exalar-se do peito do moribundo em seu leito de dor, vai ligar-se à flor do jardim, à relva do prado, ao tronco da floresta. A molécula de oxigénio que se desprende dos últimos ramos do anoso carvalho, vai ligar-se ao cabelinho louro do recém-nascido, no seu berço de sonhos. Nada podemos modificar na composição dos corpos. Nada nasce, nada morre. Só a forma é perecível. Só a substância é imortal. Constituímo-nos da poeira dos antepassados, os mesmíssimos átomos e moléculas. Nada se cria, nada se perde. Uma vela que ardeu completamente, deixa de existir aos olhos do vulgo e nem por isso deixará de existir integralmente. Se lhe recolhêmos as substâncias consumidas, reconstituíla-íamos com o seu peso anterior.

CAMILO FLAMMARION

— NEM TODOS OS QUE DIZEM «SENHOR! SENHOR!» —

por Henrique Magalhães

NEM todos os que dizem: «Senhor! Senhor!», são ministros da palavra, mas, sim, aquêles que cumprem a vontade de Deus.

Surgirão falsos ministros da palavra, mas os seus caminhos serão obstruídos, e o seu julgamento estará nas suas próprias iniquidades; porque a árvore da mentira não pode dar frutos da verdade.

Dirão: Abominai os bens do mundo, — e a alma dêles vive nas riquezas e nas comodidades; — aconselharão a humildade, — e o orgulho lhes reside no coração e nos olhos; — dirão: sede misericordiosos e caritativos, — e na bôca se lhes aninham a injúria e a maldição, e acumulam o ouro e a prata, afrontando a miséria dos outros.

Prêgarão a mansidão, — e guardam o ódio contra os seus inimigos, considerando-o como obra de zelo pelo Senhor; dirão: sede honestos, — mas a lascívia domina nos seus desejos, e o adultério nos seus leitos. — Esses não são os ministros da palavra, mas sim hipócritas; e, por isso, os seus ensinamentos são abomináveis. Se da sua bôca saem palavras de verdade, essa bôca é indigna da palavra e profana o dom de Deus. São os sepulcros branqueados, de que fala Jesus.

— Não é só dizendo: «Senhor! Senhor!», que entraremos no reino dos Céus. Guardai-vos, irmãos meus, do canto dessas sereias. Procurai o espírito que vivifica e deixai a letra, que mata. Sede prudentes, e não vos deixeis levar pelo canto dos abutres.

Quereis seguir o Cristo? Folheai o Evangelho; lêde as suas máximas; assimilai a sua essência, e ponde-as em prática. Quem ousará seguir os ensinamentos dêsse código santo, quem terá a coragem precisa de enfrentar os seus próprios erros, as suas más tendências e vencê-las?

Prezadíssimos leitores, todos vós, eu sei, ansiais por alcançar esta vitória, êsse reino, anunciado por Jesus. Todos vós ansiais êsse reino de paz, de alegria, onde só predomina o amor. Entretanto, [quão poucos se esforçam para lá chegar!... E isto, porque ninguém quer abdicar dos gozos da terra. Vêde, e observai: — contam-se a dedo, êsses tais. É que a maioria dos homens diz, com os lábios: «Senhor! Senhor!» — mas

o seu coração está cheio dos prazeres do mundo. Só êstes os satisfazem, e é por isso mesmo que os procuram. Esquecem-se desta máxima do Cristo: — «A rapôsa tem sua toca, e as aves o seu ninho; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça». Todo o tempo de que podia dispor o Mestre, o empregava a curar os enfermos e a prêgar o verdadeiro reino de Deus.

E nós, o que fazemos? Procuramos seguir-lhe o exemplo? Sonde cada um a sua própria consciência e verá que os seus pensamentos divagam por outras paragens.

Somos cristãos, ou não? Se o somos, não devemos responder com a palavra, mas, sim, com o sentimento e com as nossas acções. Em vão, diremos que o somos, se as nossas obras desmentirem o que a nossa língua afirma. Em vão, ficaremos entusiasmados com a leitura das revelações obtidas, se não traduzirmos o nosso entusiasmo em factos que se harmonizem com a magnitude das instruções reveladas.

Cumprê-nos, sobretudo, não esquecer, que o Espiritismo é o verdadeiro Cristianismo e que tudo o que é alheio às doutrinas evangélicas, à palavra do Cristo, deve ser alheio e contrário à nossa palavra e ao pensamento que há de guiar-nos, como uma estrêla, na jornada dos nossos estudos religiosos.

Alheio e contrário à palavra e ao espírito de Jesus, é o império do orgulho; alheio e contrário é a hipocrisia, é o apêgo aos prazeres e bens temporais; é o egoísmo, a ociosidade, a revolta, o ódio e a lisonja.

A cena bíblica do paraíso repete-se todos os dias; a árvore da ciência não morreu, cresce e estende os seus ramos sobre a terra. E a serpente enroscada no tronco da árvore, senão no coração de cada um dos homens, convida-os maneiramente à infração da Lei.

Resistir-lhe; eis o nosso dever e o nosso galardão.

Quem semeia, colhe. Prezadíssimos leitores, semeai boas obras, obras meritórias e de abnegação, e quando chegardes à pátria do além, ser-vos-ão servidos os seus frutos sazonados, como prêmio do vosso esforço.

Que assim seja.

Rio de Janeiro.

Notas & Comentários

Ponto final

O órgão da Federação botou fala aos peixes do mar estagnado em que navega. Enfunou doze rotundas e succulentas páginas e ei-lo singrando, todo ancho, piloto matreiro cingido ao leme já sem galdropes, tomando o Letes pela Terra da Promissão. E, qual temerário brigantim, lá vai por recifes e baxéis, na pavorosa ilusão que lhe transforma inermes cordeiros em lobos esfaimados, de fauces hiantes... O pior foi o calafate, que ficou em terra... E a salsugem morde-lhe, prestes, o âmago do cavername... Que Nossa Senhora dos Navegantes o bafeje com a sua protecção e não se esqueça de lhe pôr a mão debaixo...

Mas iamós dizendo que o órgão botou fala. E, desta vez, bem grossa que ela foi. Teve a palavra o nunca assás decantado sr. Carinha, que amontoou cartas e recartas acêrca do pobre Centro E. Luz e Amor, a que chamou «cadáver», um «cadáver a que pretendem dar vida» e que «só prejuízos acarreta à Federação».

Foi assim mesmo, sem tirar, nem pôr; e, se não é facécia, bem no parece, tal a incongruência do taumaturgo que põe um «cadáver» a falar, como pé de salsa ou beldroega de «Anatómico Jocososo», coisa em que o palrador jámais, de-certo, ouviu falar...

Pois sossegue, homem de Deus. Aplaque o nervosismo com um bom calmante e lembre-se de que o Sol, quando nasce, aquece o rico e o pobre, o justo e o injusto. Lembre-se, também, de que o homem é tão fraco, que não pode acrescentar um milímetro à sua altura. E não imite os fariseus de antanho, que coavam mosquitos e enguliam camelos. Não invente inimigos onde os não há.

Nós, os do Luz e Amor, «de saudável memória», não terçariámos armas indignas de perfeitos homens de bem, não recorreríamos à insidia para aniquilar ou minar uma associação congénere, à qual só poderíamos augurar triunfos espirituais.

Recolha, pois, a durindana, glorioso cavaleiro manchêgo. Não transmude em elmo de Mambrino a velha bacia do... lavatório. Está entre gente amiga, entre irmãos em crença, susceptíveis de lhe apertar a fita das sandálias e perdoar-lhe os maus pensamentos que lhes tem dirigido.

O nosso Centro é pobre, mas é honesto. Não faz mal a ninguém. Muitos desgraçados já beneficiou e beneficiará ainda, se Deus lhe der vida e saúde.

Recolha, pois, a durindana e não encare o perigo com óculos de aumentar...

Sejamos francos, sejamos leais. Tenhamos, ao menos, a coragem de reconhecer a esterilidade das lutas entre irmãos, lutas desagregadoras e funestas, que só beneficiam os adversários do Espiritismo.

Nós não combatemos a Federação. O nosso desejo era vê-la grande e forte, era vê-la prestigiada e dignificada aos olhos de portugueses e estrangeiros. O nosso desejo era que o seu órgão fôsse uma verdadeira alavanca moral e mental que se impusesse por si própria. Então, sim, então aplaudiríamos os novos timoneiros e dar-lhes-íamos todo o nosso apôio.

E como remate desta «nota», aqui declaramos, para que conste:

1.º — O Centro Espiritualista Luz e Amor não foi reorganizado para combater a Federação. Assim, desafia quem quer que seja a desmentir-nos, com factos ou com documentos;

2.º — O Centro Espiritualista Luz e Amor não foi dissolvido, embora a maioria da Assembleia Geral se tivesse manifestado nesse sentido. Para que honvesse dissolução, era necessário cumprir os Estatutos na parte respectiva, nomeando uma Comissão liquidatória. Os Estatutos não foram cumpridos. Não houve, portanto, dissolução, tendo o dinheiro e os haveres do Centro entrado, ilegalmente, na Federação;

3.º — O Centro Espiritualista Luz e Amor tem o seu alvará visado pela autoridade competente, única que pode julgar da legalidade ou ilegalidade desta associação;

4.º — Todos os seus livros de actas estão em ordem, como pode, facilmente, verificar-se. A última acta da direcção antiga, lavrada e assinada pelos respectivos membros, adiou os trabalhos «sine die», como também se pode verificar. Aqui se desafia quem quer que seja a impugnar a veracidade desta declaração;

5.º — O Centro Espiritualista Luz e Amor não considerou sócios tôdas as pessoas que não devolveram a circular, distribuída em 1939, quando da sua reorganização;

6.º — O Centro Espiritualista Luz e Amor lamenta que a sua acção tenha sido, malèvolamente, desvirtuada e incompreendida e aguarda a ocasião de desfazer mal-entendidos com todos aquêles que, de facto, desejem a verdadeira confraternização entre agremiações congêneres;

7.º — O Centro Espiritualista Luz e Amor perdoa as ofensas recebidas e está pronto a colaborar com a Federação, desde que os seus actuais dirigentes mostrem espírito de compreensão e lealdade.

E com isto terminamos a «nota» e o «comentário», prometendo não mais voltar ao assunto.

P. S. — Muitos dias após a redacção desta nó-tula, recebemos uma carta do secretário do Conselho Superior Deliberativo da Federação Espirita Portuguesa, sr. Joaquim Camacho, informando-nos de que, depois de apreciarem uma proposta «apresentada por toda a Direcção da aludida Federação, por unanimidade resolveram (visto a comunicação, documentada, publicada no n.º 3 da Revista de Espiritualismo, de Julho de 1941)» considerar-nos incurso no art. 10.º dos Estatutos, acrescentando: «Fica V. Ex.ª avisado a apresentar, por escrito, querendo, a sua defesa, dentro do prazo de 30 dias, a contar do recebimento desta carta, que é expedida com aviso de recepção».

Vai entre aspas o mistifório. O seu, a seu dono.

Os dirigentes da malograda Federação notaram que ainda havia alguns sócios que era preciso irradiar e puseram a funcionar o... lavatório do sr. Carinha. Como, mesmo de longe, a nossa presença os incomodava!... Agora, devem ficar tranquilos. Isidoro Duarte Santos, sócio n.º 88 da Federação Espirita Portuguesa, antigo director da Revista de Espiritismo e do Mensageiro Espirita, convidado, em 1938, por Sousa Carvalho, a dirigir o novo órgão daquela colectividade, com «uma boa gratificação», e a «fazer um ciclo de conferências ao Brasil, gastando, se para tanto fôsse necessário, os quarenta contos da herança do Comendador Moreira», encargos que não aceitou, vai ser irradiado duma associação a que, durante muitos anos, prestou o seu concurso, material, moral e intelectual.

Se é esta a moeda dos insensatos, ninguém se admire de nela serem pagos os serviços desinteressados que se prestam ao Ideal.

E tudo porquê? Por não termos concordado com os orientadores duma Federação decadente e apática; por termos ajudado a reorganizar um Centro que é um luzeiro e termos fundado uma revista que honra a Doutrina. Foi este o nosso «crime», o nosso «grande e horrível crime».

Pois fiquem sabendo que aqui não se temem irradiações. Nesta tribuna, fala-se alto e bom som a linguagem da verdade. E se não pedimos licença a ninguém para defender a Causa dos seus inimigos externos, muito menos a pediremos para defendê-la dos inimigos internos, sempre que eles, travestidos de lobos, desçam ao povoado...

Exemplo de fraternidade

A contrastar com o procedimento da Federação, vamos transcrever uma notícia respigada no Reformador, órgão da Federação Espirita Brasileira, que acaba de nos chegar às mãos. Trata-se dum flagrante exemplo de fraternidade cristã, dado por um bispo brasileiro. Segue a notícia, subordinada ao título que nos serve de epígrafe:

O Rev.º Sr. D. Salomão Ferraz, bispo da Igreja Católica Livre do Brasil, realizou no «Cine Universo», de Assis, Estado de Minas, uma brilhante conferência sobre o tema «A árvore da vida e a saúde das Nações», no dia 4 de Maio de 1941.

Escolhido para apresentá-lo ao público de Assis, foi o nosso confrade Dr. Paulo Botelho de Camargo, presidente do Centro Espirita «Irmão Pedro», que desempenhou com brilhantismo e de todo o coração essa tarefa. Até aí, nada de surpreendente, porque os espiritas costumam ser tolerantes e respeitadores das crenças alheias. Mas não ficamos só aí. O sr. bispo foi ouvir uma conferência espirita na mesma cidade e, convidado pela presidência, fez a prece de encerramento da reunião, prece perfeitamente espirita. Além disso, compareceu como presidente de honra à reunião do Esperanta Instituto de Assis, onde procedeu à cerimónia da entrega de prémios aos 15 alunos que mais se distinguiram.

Não houve somente tolerância, mas verdadeiro e brilhante exemplo de fraternidade cristã. Graças a Deus, êsses exemplos vão surgindo um pouco por toda a parte. Em dois grupos de Juiz de Fora, funcionam aulas de esperanto e o professor é um metodista, em perfeita afinidade com os nossos confrades espiritas, que dirigem os grupos e são alunos dos cursos.

Parece que os construtores do terceiro milénio já se estão fazendo sentir.

Apraz-nos registar estas palavras animadoras, para, de algum modo, esquecer a intolerância de certos irmãos que arvoram pendões de guerra, em nome de princípios que dizem defender; e atacam colectividades congêneres, pelo simples prazer de desagregar e destruir; e servem-se da malevolência e da insídia, para aniquilar emprêsas que trabalham desinteressadamente na difusão do Ideal Espirita. Que poderão fazer êsses tais, inçados de egocentrismo, a irradiar pensamentos negativos que, em choque de retorno, incidem fortemente sobre a sua própria obra?

Parece que os destruidores do terceiro milénio já se estão a fazer sentir...

Quem não fôr capaz de dominar os seus ímpetos, de vencer o egoísmo, de impôr silêncio à inveja, à vaidade, à maledicência, de esmagar debaixo do tacão a negra vibora do Mal, não é digno de pertencer aos grêmios que tem como um dos principais objectivos difundir a moral exemplificada por Jesus.

Maria Veleza

Ecoss da Imprensa Espirita

Revista Espirita do Brasil responde ao padre Arlindo Vieira, a-propósito duma carta que este sacerdote enviou a um jornalista carioca, na qual apodava o Espiritismo de *credo exótico*, insinuando que em S. Paulo os comunistas fazem propaganda à sombra da nossa doutrina.

O espirita suficientemente esclarecido — escreve o articulista — não precisa doutra ideologia além do Espiritismo, porque esta doutrina racionalmente se opõe a todas as concepções violentas, por julgá-las contraproducentes, rotuladas com qualquer que seja o título. Vê-se que o padre Arlindo Vieira forçou uma oportunidade para aludir à doutrina espirita, ligando-a ao comunismo. Mas, homem culto que é, investigador de diferentes filosofias, bem sabe que entre Espiritismo e comunismo se levanta uma barreira de separação definitiva. Qual a base do comunismo igualitário? O materialismo, bem o conhece o padre A. Vieira. Em que se baseia o Espiritismo? Na reencarnação, o que também não ignora o ilustre sacerdote. Ora, como conciliar duas doutrinas que se repelem filosoficamente, pois uma se firma na imortalidade da alma, na justiça de Deus pela reencarnação, enquanto outra se fundamenta na matéria e na igualdade violenta? O mais elementar raciocínio mesmo sem apóio em cultura filosófica, logo encontra a impossibilidade de harmonizar Espiritismo e Comunismo. Baseado no materialismo histórico, já de princípio o Comunismo se coloca em positivo e irreconciliável antagonismo perante o Espiritismo. O comunismo revolucionário prega e admite a igualdade pela violência; o Espiritismo, ao contrário, pela sua filosofia reencarnacionista, justifica as desigualdades humanas, mostrando, ainda mais, ser absolutamente impossível que as criaturas vivessem nas mesmas condições.

«O espirita sabe que nenhuma reforma transformará radicalmente o mundo, nem implantará a felicidade na terra, enquanto o homem se não transformar espiritualmente e se não cumprir todo o curso da lei divina. O Espiritismo é, pois, um antídoto contra todos os ismos de violência.

E mais abaixo, como conclusão da magnífica resposta, que não tínhamos dúvida em subscrever na íntegra, lemos os seguintes períodos, que oferecemos ao leitor amigo, para que os faça circular :

Quando as massas populares estiverem esclarecidas pela doutrina espirita, quando a reencarnação for geralmente compreendida, nenhum «messias» improvisado conseguirá seduzir e empolgar o povo. Do mesmo modo que a doutrina espirita, pela lógica da sua filosofia, destrói o superhomem de Nietzsche e procura varrer da imaginação popular a ilusão perigosa e absurda da igualdade social, mostrando que a felici-

dade não está no estômago e, muito menos, nas glórias efêmeras, mas no progresso moral, só conseguido pelo trabalho, pela educação cristã, sem fanatismo e sem dogma. O Espiritismo não aceita nenhum credo extremista, porque a sua doutrina, tendo por base o Amor, não pode aproveitar reivindicações insufladas pelo ódio. Dia virá, pois, em que a doutrina espirita terá de ser difundida como matéria de educação popular, porque o conhecimento da reencarnação não deixa a menor dúvida, quanto aos pontos sensíveis da questão social: a luta de classe, a desigualdade humana, o problema do estômago. Só o Espiritismo esclarece suficientemente a causa das desigualdades e dos sofrimentos, mostrando a ineficácia das lutas.

«O espirita não se deixa iludir pela miragem dos paraísos idealizados, pelos reformadores precipitados. É contrasenso querer conciliar comunismo com Espiritismo, quando ambas as doutrinas estão em campos francamente opostos: uma é matéria; outra é espírito. Uma crê na força; outra crê no amor. Uma não admite Deus; outra vê em Deus a causa primária da criação. Uma pretende que todos se igualem; outra, seguindo o Evangelho, acha que a igualdade é impossível, porque, de indivíduo para indivíduo, o sentimento varia e a igualdade absoluta anularia a justiça divina, enfeixada nesta sentença imutável e sábia: «a cada um, segundo as suas obras».

Demos maior desenvolvimento a esta transcrição, por concordarmos em absoluto com as palavras judiciosas e desassombradas, escritas em resposta a um ilustre prelado brasileiro que em má hora se lembrou de fazer insinuações injustas, acerca da doutrina espirita.

O articulista da *Revista Espirita do Brasil* encarou a questão à luz dum elevado critério. À insinuação negativa, contrapôs a verdade sem véu, alicerçada em argumentação irrefragável.



Mundo Espirita, de 24 de Maio, refere-se, pela pena do seu director, a certos oradores que, ao falar em reuniões solenes, se deixam levar pelo entusiasmo e tecem comentários imprudentes, pouco dignos de banquetes espirituais, onde se comunga cristãmente, acabando, muitas vezes, «por dizer o que não pretendiam e falando em assuntos que a assistência não tinha interesse de apreciar na ocasião». E continua:

Antes dêsse entusiasmo sadio, arrebatador, bem natural nos que defendem uma Causa, como a nossa,

é indispensável prudência, contrôlo das ideias que exteriorizamos, cautela com as palavras que proferimos. Tanto neófitos, como veteranos da doutrina, estão sujeitos aos arrebatamentos. É questão de temperamento. Mas é necessário vigiar constantemente em torno do nosso estado psicológico, para nos contermos nos momentos de entusiasmo e delírio. Mais do que nunca, a advertência evangélica «orai e vigiai», deve ser aplicada entre nós.

As reuniões espíritas, sejam festividades ou conferências, nem sempre são assistidas só por elementos do nosso meio; nem sempre, portanto, o auditório é íntimo, como se pensa. E quem fala sobre a doutrina, pode muito bem evitar comentários chocantes, desde que o Espiritismo constitui, por si só, uma fonte cada vez mais pródiga de assuntos. ¿Porque descambar, então, para o terreno da crítica pessoal, do ataque às crenças alheias, da censura condenatória, quando a missão do orador espírita é essencialmente pregar a doutrina, explicá-la aos que a não conhecem, mostrar a grandeza moral do Espiritismo e a sua influência na regeneração do homem?...

Temos, ainda, de nos compenetrar de uma realidade cada vez mais flagrante: Devemos, pela nossa condição humana, adaptar-nos aos imperativos de cada época, de cada situação, embora conservando os nossos princípios filosóficos, religiosos e doutrinários. O próprio sentido evolucionista da doutrina já nos mostra a necessidade de acompanhar a tendência da época, harmonizando, assim, as aspirações espirituais com os deveres de ordem humana, com as normas da sociedade. O clima do momento é o mais impróprio possível para ataques ideológicos, censuras directas ou veladas em matéria de religião ou doutrinas. Desta realidade, todos devem estar capacitados. Por outro lado, a hora é bem propícia para a propaganda espírita, visto que o mundo está precisando de lenitivo espiritual. Pregue-se, pois, a doutrina, leve-se a palavra do Evangelho a toda a parte. E, para assim dizer, já mais será necessário estigmatizar, atirar pedras às sôltas, porque, aos poucos, as ovelhas saberão procurar o rebanho do Senhor. Por isso, indispensável se torna conciliar a prudência com o entusiasmo, mui especialmente na tribuna.

Por cá, também há quem necessite de ler as palavras altamente oportunas e judiciosas do Dr. Henrique Andrade, que parecem arrancadas às famosas epístolas do Apóstolo dos Gentios. Sim, pregue-se a Doutrina com nobreza de carácter, nunca descendo ao ataque pessoal, que deve estar fora de toda a crítica elevada; pregue-se a Doutrina, olhos fitos na sua grandeza moral e procurando sintonizar actos e palavras, porque nada existe mais contagioso do que um exemplo desinteressado e belo; pregue-se a Doutrina, honrando a Causa, facilitando o ingresso de estranhos na filosofia que orienta a nossa propaganda. Mas não sejamos desleais, nem truculentos, não usemos expedientes farsaicos e saibamos aguardar oportunidade para desfazer equívocos, quer entre amigos, quer

entre adversários. Só assim teremos direito ao nome de espíritas.



Boletín de la Agrupación Estudiosa «Camilo Flammarion», de Buenos Aires (Maio de 1941), publica um artigo do Dr. Inácio Ferreira, intitulado «Espiritismo, Ciência Suprema», de que transcrevemos alguns passos. Depois de se referir à ignorância, à desorientação e incerteza dos psiquiatras, ante certos casos a que os médicos chamam *loucura periódica e histérica*, acrescenta:

São centenas, milhares de casos, que os recursos médicos, com seus vastos laboratórios e ricas terapêuticas, se mostram incapazes de curar, cometendo o crime da indiferença perante esse permanente desafio à sua glória e à sua grandeza. São centenas, milhares de casos abandonados, depois duma luta extenuante, esgotados todos os recursos e todas as experiências e que se erguem — por vezes — qual espectro, desafiando a sabedoria dos homens. Neurose, histeria, loucura periódica, esquizofrenia: termos sem significação, incapazes, sequer, de aglutinar sintomas para as suas respectivas classificações clínicas, incapazes de explicar a origem, a marcha e o prognóstico daquilo que deveriam representar e ser. E os cientistas actuais, esquecidos da sua responsabilidade em face da ciência e, possivelmente, em face da própria evolução, educados em ambiente familiar de ensino religioso, como seus antepassados, continuam apáticos e indiferentes às pesquisas que corrigem os erros, indiferentes às investigações que perquirem a verdade.

Entanto, os profetas profetizarão... Entanto, os videntes verão... Entanto, os endemoninhados existirão e continuarão a pulular por toda a parte, por todos os lugares do orbe, como imensas luzes irradiadas do infinito, iluminando a consciência dos investigadores. É enorme crime para a ciência moderna não investigar estes casos de loucura que os conhecimentos deixam abandonados e consideram desesperados, por não os poderem encarar.

A-pesar-de tudo, nada há que não tenha origem, causa e fim determinados. Eis o Espiritismo, os médiums e os obsediados. Trabalhar, investigar e pesquisar, eis o que compete à Medicina dos homens e à ciência material. A acção inteligente ou inconsciente dos imprópriamente chamados mortos é, fora de toda a dúvida, uma verdade, e por todos os hospitais do mundo têm passado esses pobres loucos sem *lesões orgânicas*, mas cujos espíritos sofrem as consequências de actos passados, reditivos agora, através do ódio e da vingança das suas vítimas...

Hoje um, amanhã outro, os esculápios vão abandonando o reduto materialista, certos de que a verdadeira ciência ou arte de curar se encontra noutro campo, onde as possibilidades se multiplicam e os horizontes se alargam, apresentando novas perspectivas, do ponto

de vista terapêutico, principalmente no ramo da psiquiatria. Inácio Ferreira, médico ilustre, director do Sanatório Espirita de Uberara, onde se dedicou, inteiramente, à terapêutica psíquica, é verdadeiro, autêntico testemunho, de quanto valem os nossos princípios, uma vez aplicados à Medicina oficial.

É preciso «bater a cabeça do prego», é preciso insistir na propaganda dos novos métodos de cura, para que a humanidade se liberte do «massacre» a que a sujeitam a maior parte dos médicos, fiados na irresponsabilidade profissional — um dos maiores crimes que se podem admitir numa sociedade civilizada.



La Idea, de Buenos Aires, expõe a sua opinião acêrca da verdadeira prática da doutrina. Estamos absoutamente de acôrdo. O Espiritismo deve ser elevado e racional. Dêste modo, tem que fechar as portas a tôdas as formas de superstição e de credence.

Eis alguns tópicos dêsse artigo:

«O facto de se fazer girar a doutrina em torno do curandeirismo e de práticas viciosas, deu como resultado temer-se o estudo e os renovadores que, tendo bebido as águas puras da Doutrina, não podiam aceitar as falsas interpretações, a exploração e a mentira, que buscavam refúgio nos centros espiritas.

A grandeza do ideal impõe outra tarefa. Acima de tudo, os grupos devem propagar as verdades que constituem o corpo de doutrina do Espiritismo, popularizando a profunda cultura que êle encerra e as enormes possibilidades que faculta aos que, nobremente, lhe procuram conhecer a essência.

Para isso, os centros espiritas devem ser focos de cultura, onde o pensamento humano encontre o campo apropriado ao seu desenvolvimento, onde as almas possam assimilar as verdades eternas que imprimem na fronte do pensador o sêlo inconfundível proveniente do contacto com o mundo invisível.

Este desejo constitui a razão de ser da Confederação Espirita Argentina.

A Caridade é paciente, é benigna; a caridade não é invejosa, não obra temerária, nem precipitadamente; não se ensoberbece. Não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal. Não folga com a injustiça, mas regosija-se com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

(S. Paulo, 1.^a Corint., Cap. 13, v. 4 a 7)

CONFISSÃO

IV

pelo Dr. Alfredo Mota

Educado numa escola médico-materialista, fiz parte dum curso que realizou uma festa de troça a Hipócrates, pai da medicina, mas de orientação filosófico-materialista. Estudos ulteriores transformaram-me filosóficamente e há muito tempo já que só me interessa a ciência espiritualista. A verdade é tão pouca no materialismo, que já se não deve admitir a lei dos contrários em medicina curativa.

A comissão de quarenta médicos, nomeados em Berlim para estudar praticamente a acção dos remédios pela homeopatia, hã-de provar ao mundo científico, ainda que êle não queira, que é com ela que está a verdade, na arte de curar. A lei dos contrários que serviu a fundação no Egito, dez mil anos A. C., à alopatia, já há muito devia ter sido proscrita, visto Samuel Hahnemann ter podido provar que não era servida pela verdade tôda. Drogas medicinais só podem ser dadas pela lei dos semelhantes e em doses mínimas, que é o fundamento da Homeopatia. Assim ministradas, curam e nenhum mal fazem a quem as usa, ao passo que a alopatia serve para ajudar a morrer, muitos anos antes do que permite a evolução da humanidade. Posso provar isto com a prática exclusiva da homeopatia, que venho usando há anos e que me tem criado alguns adeptos.

Já pretendi, num artigo, provar o que afirmo neste momento, mas o director da revista médica a quem ofereci o meu trabalho, não só o não publicou, como ainda por cima — segundo me disseram — me apelidou de charlatão. Nenhum mal lhe quero, porque só sei amar e perdoar quem defende o êrro alopático que há muito proscrevi e que os médicos, que têm uma Ordem como os portugueses, podem defender a favor dos seus interesses materiais.

Fique, pois, assente que sou médico homeópata exclusivamente e que nunca mais praticarei alopatia, visto a escola alopática não ter defesa possível. Vivem ainda mais os que se tratam pela homeopatia e os que podem prescindir de remédios de botica. Os

Crônica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Sessões de efeitos físicos em S. Paulo

As sessões de efeitos físicos realizadas no Centro Espirita Estrela do Céu, da capital carioca, têm conitado a atenção de centenas de estudiosos dos fenômenos psíquicos. *Mundo Espirita* transcreveu, em números sucessivos, as impressões de várias personalidades que assistiram e ficaram convencidas em face das materializações que presenciaram. O mesmo semanário publicou em 29 de Março o relato duma sessão na Sociedade Metapsíquica de S. Paulo, de que é director o Dr. C. G. S. Shalders, homem prático e experimentado que já ocupou o cargo de Director da Escola Politécnica da mesma cidade.

Transcrevemos, pois, com a devida vénia, o relato d'êste ilustre psiquista:

Sessão na sede da Sociedade Metapsíquica de S. Paulo. Médium: Orceny Fraga. Assistência: 20 pessoas, entre elas, um engenheiro e um juiz da cidade de Santos, que assistiam pela primeira vez.

A médium ficou solta na cadeira. Quando o espírito, Francisco Sousa, manifestou a sua presença, pedi-lhe que nos desse outra vez um molde da mão em parafina, mas que desse a mão fazendo figa para os assistentes incrédulos (brincando) e que amarrasse a médium e a pusesse em cima da mesa.

Como de costume, êle assobiou durante toda a sessão, acompanhando a música de diversos discos. Tocou gaita uma três vezes; numa delas, procurou tocar o Hino do Natal.

Em certa altura, desligou a corrente eléctrica que aquecia o balde com parafina, mas não percebi quando êle o fez, embora outras pessoas o tivessem percebido. Quando lhe perguntei se tinha desligado a corrente, respondeu-me (assobiando):

— ¡Há que tempo!...

No fim da sessão, que durou cerca duma hora e quarenta minutos, encontrámos no balde de água fria dois moldes em parafina: um, de mão com o polegar metido entre o primeiro e segundo dedo, como fazendo figa (conforme eu pedira) e o outro de mão bem maior, segurando a gaita, que ficou colocada dentro da mão, sem que a parafina cobrisse os buracos das notas, mostrando assim que quem produziu o

fenômeno enxergava o que fazia, embora em completa obscuridade.

A médium estava completamente amarrada, desde os tornozelos até à cabeça, sentada na cadeira, em cima da mesa. Algumas voltas da corda passavam-lhe pelo rosto, deformando a testa e a boca, dentro da qual assentava uma volta da corda, com um nó bem dado, em cima dos lábios. Assim procedendo, o espírito tem em vista mostrar que os assobios não são feitos através da médium.

Preguntado, Francisco disse acharem-se presentes 25 espíritos, entre os quais estava Deolinda, que se manifestou com as fortes palmas habituais.

Durante a sessão, as cornetas luminosas foram levitadas, descrevendo movimentos variados no espaço, ora rápidos, ora vagarosos e ora se mantinham paradas. Chegaram ao teto, onde bateram repetidas vezes e fizeram movimento de raspagem. Ouviram-se frequentes pancadas sobre as mesas, às vezes tocando o «Zé Pereira». As tampas dos baldes fizeram muito barulho em várias partes da sala. Batiam umas nas outras, fazendo efeito de matrícula.

Extinguindo-se, novamente, a luz, para o espírito desamarrear e despertar a médium, êste pôs a cadeira no chão, desamarrou-a, lançou as cordas na direcção do engenheiro e do juiz, que assistiam pela primeira vez, e acordou a médium, tudo em muito pequeno espaço de tempo».

O Dr. Shalders declara, mais, em nota ao seu depoimento, que o espírito deixara na sessão anterior duas luvas em parafina, mas de mão com os dedos estirados e que, ao começar a sessão mencionada, pedira à mesma entidade que deixasse o molde de mão fechada, fazendo figas aos incrédulos presentes. Pois, em vez dum, deixou dois moldes: um, com o polegar metido entre o indicador e o superior e outro, segurando uma gaita, com as falanges dos dedos vergadas sobre o instrumento.

Um inquérito interessante

A *Revista Espirita do Brasil* tem publicado uma série notável de «entrevistas», subordinadas ao título geral «¿Porque se tornou espirita?» e nas quais têm deposto figuras eminentes de professores, médicos, advogados, contando o seu «caso», o motivo que os levou a estudar o Espiritismo, qual a sua religião de origem, como orientam os estudos e as obras que lêem, o livro que mais influíu na sua conversão à Doutrina, como concebem o Espiritismo, se êste seria útil à humanidade praticado só como ciência, etc., etc.

Foi, na verdade, uma feliz lembrança esta de trazer a público semelhantes depoimentos, para edificação das multidões que observam a atitude de intelectuais

melhores médicos oficiais ainda são aqueles a quem o receituário cabe numa unha.

Estudem homeopatia, caros colegas na arte de curar.

Espinho, 22/4/941.

de escol que fazem profissão de fé sem preocupações, dando assim um alto exemplo de carácter e dignidade moral que não será muito fácil esquecer.

Temo-nos referido a estas «entrevistas», em pequenas nótulas, na secção «Por esse mundo...», e só hoje lhes podemos dedicar o espaço e a atenção que merecem.

Esta magnífica iniciativa honra, sobremaneira, o seu autor e dá à *Revista Espirita do Brasil* foros de verdadeiro órgão de propaganda, visto que tais «casos» produzem efeito surpreendente no leitor que ainda não formou opinião acêrca do nosso Ideal.

Que nos lembre, têm desfilado, no mencionado inquérito, o nosso colaborador prof. Leopoldo Machado, o Dr. Carlos Imbassary, nosso redactor-correspondente, o Dr. Inácio Ferreira, director do Sanatório Espirita de Uberara, o Dr. Levindo Melo, clínico notável e jornalista, o Dr. Areobaldo Lelis, médico e vice-presidente da Federação Espirita do Estado do Espírito Santo, o prof. Francisco do Nascimento, incansável propagandista, e o Dr. Azevêdo e Silva, antigo cultor de direito e escritor de grande merecimento.

Todos êstes depoimentos são dignos de apreciação e divulgação. Por isso, lamentamos não poder transcrevê-los na íntegra, pois concorreríamos, indubitavelmente, para a formação moral das pessoas que nos lêem e que, nos exemplos citados, encontrariam estímulo necessário e oportuno.

Provas de identificação dadas por um aviador morto em acidente e por um marinheiro morto em combate contra o «Graf Spee»

O *Psychic News* de 17 de Maio publica interessante relato duma sessão espirita realizada na África do Sul, em que um espírito transmitiu palavras destinada aos pais, que viviam a muitas milhas de distância. Aquêlo relato é feito através da seguinte carta, enviada por um confrade da Rodésia do Sul a Ellis George, de Princetown, Bridgend, Gales do Sul, Inglaterra:

«O sr. ficará surpreso ao receber esta carta dum desconhecido e mais surpreso ficará ainda com o seu conteúdo. Creio que será mais fácil dizer-lhe a causa que me levou a escrever estas linhas. É que eu sou espirita e numa sessão experimental, a que assistiam treze pessoas, comunicou-se uma entidade que, pela forma como se manifestou, deu logo a entender que tinha desencarnado havia pouco tempo.

«Em seguida, disse chamar-se Evan George e declarou ter um irmão residente na Gales do Sul, a quem eu prometi escrever, depois de me ser facultado o respectivo enderço.

«Passou, depois, a descrever a sua desencarnação, ocorrida durante uma batalha naval, e demonstrou pouco desejo de evocar acontecimentos que lhe causavam tristeza, afirmando que sentia muito que seus pais sofressem tanto com a sua morte.

«Disse também que os visitara, encontrando-os sentados em frente do fogão a contemplar uma fotografia sua, que eles tinham mandado ampliar e encaixilhar. Acrescentou que seus pais estavam desolados e, a-pe-

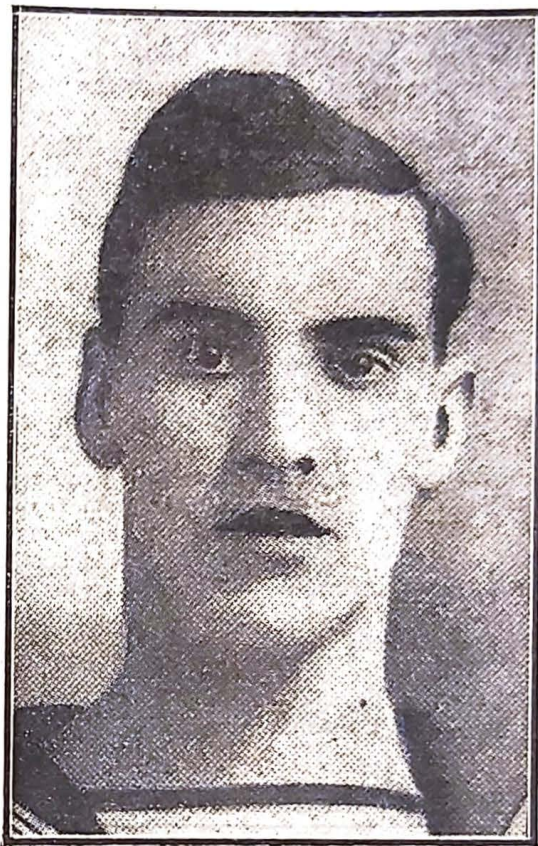
sar-de tentar impressioná-los, sofreu imenso por não poder científicá-los da sua presença.

«Ele gostaria que o sr. lhes desse a conhecer que morreu para o mundo físico, mas que continua a viver no mundo espiritual.

«Peça-lhes que acreditem e que procurem qualquer médium conhecido, que ele tentará manifestar-se e provar que continuará junto deles, se eles facilitarem a sua aproximação.

«Faça isto, visto que lhe dará muita felicidade, permitindo-lhe continuar a progredir nos planos em que se encontra.

«O sr. pode não acreditar nos fenómenos do Espiritismo. Eu, porém, dou-lhe a minha palavra de honra



O MARINHEIRO MORTO EM COMBATE
CONTRA O «GRAF SPEE»

que a alma sobrevive à morte do corpo, procurando imediatamente o seu lugar e não ficando adormecida até ao dia de juízo, como as igrejas erradamente julgam.

«Mas não se fie só na minha palavra. Procure a prova. Só lhe peço que faça uma experiência. Dirija-se, sem receio, a um médium e creia que encontrará a prova de que necessita».

Evan George era artilheiro a bordo do cruzador «Exeter» e foi mortalmente ferido no histórico reconcontro do Rio de La Plata, onde o couraçado alemão «Graf Spee» encontrou o inglório epílogo da sua carreira de corsário.

Segue-se uma carta de W. A. Thomas, de Nantymoel, Bridgend, Gales do Sul, confirmando o relato feito e acrescentando que os pais de Evan mostra-

vam desolação e tinham estado sentados em frente do fogão, a contemplar uma fotografia ampliada de seu filho.

Declara, também, serem correctos todos os pormenores da comunicação, tanto mais notável, quanto é certo ter sido enviada por um completo desconhecido.

É de notar que os pais do artilheiro são protestantes e não acreditam no Espiritismo.

* * *

O outro caso deu-se numa sessão realizada em Miami, Florida, América do Norte, com a médium Rev. Mary Olsen. O espírito comunicante, William George Bruce, deu um endereço de County Down, na Irlanda, onde vivera, informando que havia desencarnado num acidente de aviação, próximo de Starcross, Dawlish, South Devon, em 17 de Maio de 1937, quando o aeroplano se dirigia para Buckfastleigh.

Depois, pediu que enviassem esta mensagem a I. Mortimer, de Dawlish, que auxiliara os seus companheiros feridos, cujos nomes e endereços mencionou, terminando por dirigir saudações aos seus amigos e afirmando que não tinha morrido. Em seguida, desenhou o seu retrato numa folha de papel que fôra previamente examinada pelos assistentes, os quais verificaram que o papel não tinha quaisquer sinais de lápis. Mais ainda: lavraram uma acta, reconhecida por notário, declarando que, durante a sessão, tinham ouvido o som dum lápis sobre o papel, que, novamente examinado, deixou em todos a impressão de que, tanto desenho, como escrita, eram de origem extraterrestre.

Psychic News informa que tentaram comunicar com os parentes de Bruce e quiseram obter uma fotografia do «mórto», a-fim-de ser comparada com o desenho em questão. A resposta veio, de facto, mas lacónica, dizendo que não desejavam entrar em apreciações sobre o assunto.

Seja como fôr; do que ninguém poderá duvidar é da autenticidade da mensagem, que deu a indicação exacta da pessoa a quem se destinava.

Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro

A iniciativa do Dr. Levindo Melo, a quem fizemos referência nas «Notas & Comentários» do último número, chegou ao seu termo natural. Está, finalmente, organizada a *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*, como ficou assente na 3.^a reunião preparatória, sob a presidência do Dr. Henrique Andrade, director de *Mundo Espirita*, que tão solícitamente acompanhou o belo empreendimento, que já conta com inúmeras adesões de médicos, advogados, engenheiros, professores, farmacêuticos, cirurgiões-dentistas, escritores, físicos, químicos, oficiais do exército e da armada, etc., etc.

A título informativo, damos alguns tópicos dos Estatutos desta colectividade, aprovados em Assembleia de 11 de Junho de 1941, publicados no *Diário Oficial* de 20 do mesmo mês (Secção I, pág. 12.624), data em que entraram em vigor.

Os seus fins são os seguintes: Investigar, cientificamente, os fenómenos espiritas, anímicos e os ani-

micos-espiritas, em estudo comparativo; investigar e estudar, cientificamente, o magnetismo animal, o hipnotismo, a mediunidade e os fenómenos espiritas, relacionados com a Medicina em geral e com a psiquiatria em particular; estudar especificadamente a Metapsíquica e a Biologia; pesquisar as leis que regem os fenómenos espiritas e anímicos; estudar o médium, sob o ponto de vista neuropsiquiátrico; fazer estudos comparativos de moral, religiões e filosofias; promover o intercâmbio científico com institutos nacionais e estrangeiros; difundir a cultura médico-espirita e defender o Espiritismo, no plano elevado do pensamento e de maneira impessoal, se atacado por cientista ou instituto científico.

Para a consecução dêste objectivo, deverão ser organizadas:

1.^o — Um laboratório de investigações psíquicas.

2.^o — Uma biblioteca, de ciências gerais e de Espiritismo e Metapsíquica em particular, especialmente psiquiatria, neurologia, fisiologia, histologia, citologia e anatomia; de psicologia e psicanálise; de moral, de religião e de filosofia.

3.^o — Um museu — com moldes de gesso ou parafina, fotografias, mensagens auto-psicográficas, desenhos e outros objectos de origem espirítica, tudo devidamente autenticado e sujeito a prévio exame do Departamento de Investigações Experimentais.

4.^o — Um arquivo.

Publicará também uma revista científica e realizará congressos, nacionais e internacionais, de Espiritismo científico.

Havendo possibilidade, será criado um Hospital, como estabelecimento de caridade e de estudo dos fenómenos espiritas que se relacionem com a Medicina em geral; um Sanatório, como estabelecimento de caridade e estudo dos fenómenos espiritas que se relacionem com a Psiquiatria em particular; uma estação radio-difusora e um observatório astronómico, não só para estudo e pesquisa, mas também para difusão prática e popular da Astronomia.

A Sociedade terá um Gabinete da Presidência, Sala de sessões, Departamento de Investigações Experimentais, Departamento de Estudos Filosóficos, Departamento de Difusão Cultural, Biblioteca, Arquivo, Museu, Secretaria, Tesouraria e Portaria.

Os departamentos têm a seguinte organização:

Departamento de Investigações Experimentais —

1.^o — Secção de Medicina e Psiquiatria. 2.^o — Secção de Física e Electrologia. 3.^o — Secção de Química e Fotografia. 4.^o — Laboratório de Investigações Psíquicas.

Departamento de Estudos Filosóficos — 1.^o — Secção de Moral. 2.^o — Secção de Religião. 3.^o — Secção de Filosofia.

Departamento de Difusão Cultural — 1.^o — Secção de Imprensa. 2.^o — Secção de Rádio. 3.^o — Secção de Cinematografia.

O cargo de Director de Departamento só pode ser desempenhado por um médico. As secções de Medicina, Psiquiatria, Física, Electrologia, Química e Fotografia, serão preenchidas por especialistas do género.

A Sociedade tem membros-correspondentes, nos Estados e no Estrangeiro, os quais podem ser todas as pessoas de reconhecida idoneidade científica ou in-

(Continua na pag. 394)

Por esse mundo...

— A Liga Espirita do Brasil acaba de instalar uma sucursal em Manaus, Estado do Amazonas, graças ao seu Delegado, sr. Artur da Trindade. Magnífica expansão duma obra que já não cabe nos âmbitos que lhe haviam circunscrito!

— Recebemos o primeiro número do belo quinzenário *Aurora*, do Rio de Janeiro. Traz um artigo de fundo do Dr. Henrique Andrade, que passou a ser orientador deste jornal. Não podia ter sido feita melhor escolha. Ao jornal e ao orientador, as nossas felicitações amigas.

— O *Farol*, de Niterói, alvítra a fundação duma Associação Mutualista Espirita, com o fim de socorrer os associados, quer na doença, quer custeando funerais e subsidiando as viúvas, como se faz nas lutuosas.

— *Mundo Espirita* informa que, por iniciativa da União Espirita Estudantes da Terceira Revelação, um grupo de confrades fará subir à cena no próximo mês de Outubro e no Teatro República do Rio de Janeiro a peça em três actos, intitulada «A Vida de Bezerra de Meneses», da autoria de Orlando Portela. Trata-se duma peça retintamente espirita que será dedicada àquêle semanário.

— Entrou no terceiro ano de acção proficiente e meritória a Hora Espirita Radiofónica, do Rio de Janeiro, dirigida pelo nosso amigo e colaborador Leopoldo Machado e outros pioneiros da Causa, que semanalmente usam do microfone para expôr as verdades espiritas.

— *En la senda de Jesus*, órgão do Centro Espirita Allan Kardec, de Gerli, Avelaneda, Argentina, veiculou a notícia, segundo a qual se prepara a fundação dum diário exclusivamente espirita naquela região. É tentativa deveras arrojada, cuja realização importa grandes esforços e vastos recursos materiais. Todavia, os animadores da empresa estão convencidos de que atingirão o seu fim, estribados em comunicações mediúnicas que têm recebido.

— Bardell Smith, do Belsidi Park Healing Centre, conseguiu obter fenómenos de voz directa ao fim de quinze escassas sessões experimentais, com auxílio de E. Lightfoot, presidente do mesmo centro e médium curador.

— O cinema Broadway, do Rio de Janeiro, está a exhibir a fita (*Três Almas Solitárias*), baseado na nossa doutrina e que constitui um verdadeiro compêndio de ciência espirita, apresentado em forma de romance, em que sobressaem os fenómenos da intuição, da encarnação e desencarnação e possibilidade da volta do espirito ao plano terrestre. Filmes destes são sempre instrutivos, quando realizados com intuitos culturais e sem preconceitos nocivos.

Em Londres também se exhibe, actualmente, a fita espirita «*Topper Returns*» (A volta de Topper), na qual o grande actor Joan Blondell desempenha o papel da rapariga assassinada que volta do Além para salvar Topper da morte, depois de resolver muitas situações embaraçosas. Topper é desempenhado por Roland Young.

— O problema reencarnacionista continua a preocupar os nossos confrades ingleses, como demonstra o *Psychic News* de 24 de Maio último, em artigo de James M. Mc Lintock.

— Na Austrália, acaba de fundar-se uma Sociedade de Investigações Psíquicas, com o objectivo de provar a sobrevivência.

— A Federação Espirita Pernambucana criou o *Núcleo Espirita Juvenil*, com o fim de promover a cultura e educação dos novos, dentro dos ensinamentos evangélicos. Reunirá no primeiro domingo de cada mês, para estudo dum ponto doutrinário e preleção acerca de assuntos educativos.

— Rádio-Piratimanga, potente estação de 20 quilovátios-antena, construída e mantida por espiritas, em S. Paulo, acaba de organizar a *Hora dos Centros Espiritas*, dedicada todas as quintas feiras às melhores agremiações espiritas do Brasil.

— Em Dezembro p. p., realizou-se no Pará o 1.º Congresso Espiritualista, promovido pela Confederação Espirita «Caminheiros do Bem». Foi iniciador deste movimento o Dr. Steliano da Costa Homem, actual Presidente da mesma Confederação.

— *Psychic News* informa que os prisioneiros ingleses que se encontram em campos de concentração alemães, pedem jornais e livros espiritas. Este belo semanário acaba de distribuir 28.000 exemplares e 2.850 livros espiritas pelos combatentes de terra, mar e ar, graças a uma subscrição permanente aberta nas suas colunas, a qual tem sido bem acolhida pelos leitores.

— George H. Lethem vai abandonar a direcção da *Light*, conhecida revista espirita inglesa, que circula semanalmente em todos os territórios do Reino Unido. Após dez anos de trabalho proficuo, Lethem abandona a luta, por motivos de saúde. Suceder-lhe-á R. C. Cammell.

— A *União da Mocidade Espirita de Uberara*, Estado de Minas Gerais, acaba de eleger nova directoria, à qual preside o formoso espirito do Dr. Inácio Ferreira, actual director do Sanatório Espirita da mesma cidade. Os nossos cumprimentos ao esforçado pioneiro que tanto tem pugnado pela Causa, em terras brasileiras.

— As primeiras manifestações espíritas das irmãs Fox foram perpetuadas em 1927, em Rochester (América do Norte), segundo a idéia apresentada por sir Artur Conon Doyle e posta em prática pelo Congresso Espirita Internacional de Paris (1925), com a colaboração da senhora Cadwallader, directora do *Progressive Thinker* e o auxílio material de todo o mundo espírita. Numa das faces do monumento, está gravado o seguinte:

*Erigido em 4 de Dezembro de 1927
pelos espíritas do mundo inteiro em
comemoração da revelação do Espi-
ritismo Moderno em Hydesville
(N. Y.), em 31 de Março de 1848
em homenagem à mediunidade, base
de todas as demonstrações em que
se apoia o Espiritismo.*

A morte não existe.

Não há mortos.

O monumento foi erigido num terreno pertencente à Plymouth Spiritualist Church, de Rochester. Além deste monumento, foi inaugurado um bloco de granito em Hydesville, a 25 milhas de Rochester, no qual se lê o seguinte:

*Aqui nasceu o movimento Espirita
Moderno. Neste local existia a mo-
radia das Irmãs Fox cuja comunica-
ção mediúnica com o mundo espírita
foi estabelecida em 31 de Março
de 1848.*

A morte não existe.

Não há mortos.

*Esta pedra foi colocada aqui pela
senhora Cadwallader.*

— No próximo mês de Julho, realizar-se-á em Buenos Aires o Quarto Congresso Espirita Argentino.

— Em Cuba, o Espiritismo caminha a passos de gigante. As concentrações móveis a que dão o nome de caravanas e que actuam inteligentemente em quasi todos os pontos do país, têm imprimido excelentes directrizes à propaganda, unificando e fortalecendo as agremiações espíritas.

— A Livraria da Federação Espirita Brasileira prepara nova edição da «Divina Epopeia», de Bittencourt Sampaio. Trata-se do Evangelho de S. João, em verso heróico.

Crónica Estrangeira

(Continuação da página 392)

telectual filiados no Espiritismo, desde que se submetam ao Estatuto.

É motivo de exclusão o facto de qualquer membro utilizar a mediunidade própria ou alheia, para auferir lucros materiais e receber pagamento por actos que devam ser de caridade e que, pela aparência, os leigos considerem Espiritismo.

Para Presidente, Vice-Presidente da Sociedade e Director de Departamento de Investigações Experimentais, só podem ser eleitos médicos que sejam membros efectivos. Deixarão de ser directores, os membros que deixarem de ser adeptos do Espiritismo, que renunciarem os seus cargos ou que não comparecem a três reuniões consecutivas da Directoria, sem motivo justificado.

Segundo o art.º 25, os membros e os sócios não respondem subsidiariamente pelas dívidas da Sociedade. Em caso de dissolução, o Museu, o Arquivo e a Biblioteca reverterão, em partes iguais, para a Federação Espirita Brasileira e Liga Espirita do Brasil.

A Sociedade não poderá exigir pagamento por seus trabalhos ou pela actividade de seus departamentos, secções, membros ou sócios; e, a-fim-de evitar interpretações equívocas, deixa ressalvados os seguintes princípios, que adopta, quanto ao médico em face do doente:

1.º *A Medicina é sacerdócio; 2.º A Arte de curar é uma profissão que a caridade sublima e o mercantilismo degrada. 3.º O médico tem o direito de fixar os seus honorários, mas deve considerar, sempre, a situação económica do doente. 4.º Só o necessitado —*

permanente ou temporário — merece tratamento gratuito, a título de caridade.

Segundo o § 5 do art.º 36, foram aclamados componentes do Conselho Provisório e, portanto, membros efectivos natos da Sociedade, as seguintes pessoas:

Dr. Levindo Melo (médico); Capitão Dr. Telemaco Gonçalves Maia (médico); Dr. Rocha Garcia (médico); 1.º tenente Dr. Fernando Dias Campos (médico); Dr. Serafim Lôbo (médico); Dr. Marques Braga (médico); Dr. Jaques Mongruel (médico); Dr. José Cunha Ferreira (médico); Dr. Saladino de Gusmão (engenheiro e advogado); Dr. F. L. Azevedo e Silva (advogado e escritor); Dr. Carlos Imbassahy (advogado e escritor); Prof. Leopoldo Machado (escritor); Prof. Olegário Tavares (dentista e escritor); Deolindo Amorim (jornalista); Milton de Andrade (jornalista).

Finalmente, foi aclamada a seguinte Directoria provisória, que regerá os destinos da Sociedade até à primeira quinzena de 1942:

Presidente — Dr. Levindo Gonçalves Melo (médico);

Vice-Presidente — Capitão Dr. Telemaco Gonçalves Maia, (médico);

1.º Secretário — 1.º tenente Dr. Fernando Dias Campos (médico);

2.º Secretário — Deolindo Amorim (jornalista);

Tesoureiro — Dr. Saladino de Gusmão (engenheiro e advogado).

Por este resumo poderemos avaliar a grandeza do empreendimento, motivado, como tivemos ocasião de acentuar, pela campanha contra a *Hora Espirita Radiofónica*, que já vai no seu 3.º ano de acção.

Assim respondem os verdadeiros espíritas aos ataques dos seus adversários.

¡Para a frente, irmãos brasileiros! Para a frente, com decisão, coragem e almas plenas de confiança no futuro, que se desenha promettedor de muitos e saborosos frutos!

BIBLIOGRAFIA

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

ESPIRITISMO E MEDICINA, pelo Dr. Inácio Ferreira — Edição da Livraria da F. E. Brasileira. 174 páginas.

DEPOIS do livro *Conselhos ao meu filho*, analisado nestas colunas, temos o prazer de apresentar à curiosidade dos nossos leitores mais uma obra do eminente director do Sanatório Espirita de Uberlândia, onde tem desenvolvido uma obra digna de todos os elogios, em prol dos que sofrem, sem distinção de credos religiosos.

«Espiritismo e Medicina» é uma coletânea de 15 artigos, todos eles defendendo os pontos de vista espírita perante a «medicina amiga» materialista e convidando esta a descer do seu orgulho e a aceitar esta nova ponte de passagem para a Verdade, que é Deus.

Inácio Ferreira é lutador e persistente. Convencido dos factos espíritas, não cede perante os ataques da ciência oficial.

«Pisamos terreno científico, diz ele, e, dentro da ciência, importa-nos a verdade e os factos, firam eles a quem ferir, prejudiquem ou desmoralizem a quem quer que seja.»

E por isso ele evangeliza e consagra-se a lenir as dores físicas e espirituais dos seus doentes. Quando é que em Portugal haverá sanatórios espíritas e médicos como Inácio Ferreira?

A REENCARNAÇÃO, por Gabriel Delanne, edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira, 1940. 323 páginas.

NESTE belo livro do engenheiro francês Gabriel Delanne, ultimamente traduzido pelo actual Presidente da Federação Espirita Brasileira, registam-se argumentos e factos conducentes à aceitação da hipótese espírita das vidas sucessivas, como axioma irrefutável.

Se bem que ainda haja muitos opositores a esta teoria, mesmo nos países anglo-saxónicos, ela todavia vai ganhando adeptos e não tardará muito que se torne universal.

Nenhuma filosofia, como a da palingénese, explica os aparentes contrastes de situações sociais e desigualdades psíquicas, observadas em toda a parte.

Há quem lhe oponha a teoria da hereditariedade, mas esta, à luz dos factos acumulados pelos filósofos espíritas, tornou-se muito vulnerável e incapaz de nos explicar muitos problemas até agora insolúveis.

«A hereditariedade psíquica é inadmissível, visto como sabemos que a alma não é fabricada pelos pais; assim, a reencarnação é a única explicação lógica das anomalias aparentes» — diz, e muito bem, o autor deste livro admirável.

Posto assim o problema, desde que a teoria espírita adopta o ternário do homem, a sua solução afigura-se-nos lógica e simplificada pelos princípios em que assentam os seus postulados.

Diz-nos o dicionário que um postulado é um prin-

cípio reconhecido, mas não demonstrado; pois bem, a teoria reencarnacionista, vista através deste último livro do continuador de A. Kardec, não só é um princípio reconhecido pelas mais antigas religiões do Oriente, como está sobejamente demonstrado pelos factos observados e rigorosamente autenticados pelos autores mais distintos e competentes de todos os países.

Bastavam os casos de Laura Raynaud e das filhas gémeas do Dr. Samona, descritos pelos Drs. Durville e Samona, para abalar de vez a hipótese da hereditariedade física, tábua de salvação a que ainda se agarram os naufragos das teorias rançosas e bafiantas.

Delanne, pois, com o seu livro *A Reencarnação* vem, neste ponto, destruir, pelos alicerces, todo o edifício materialista e agnóstico.

Baseando-se nos admiráveis estudos de Claude Bernard, o pai da fisiologia moderna, o autor demonstra a inanidade da doutrina, segundo a qual o sistema nervoso é o registor de todas as sensações.

Só a teoria espírita, admitindo o perispírito como modelador e organizador do corpo físico, e, ao mesmo tempo, como repositório integral da memória, nos dá a chave deste vasto e complexo problema da vida *ante e post mortem*.

Por este pequeníssimo resumo, poderão os nossos leitores avaliar o altíssimo serviço que Delanne prestou à nossa Causa. É um livro que merece ser lido por todos os espíritas e mesmo não espíritas, porque uns e outros só terão a ganhar com a sua leitura.

«FENÓMENOS DE TRANSFIGURAÇÃO», por Ernesto Bozzano — Tradução do Dr. Francisco Klörs Werneck — 1940 — Rio de Janeiro.

ERNESTO Bozzano, o iminente pesquisador espírita italiano, consagrou inúmeras monografias ao estudo das variadíssimas faculdades supra-normais, completado com os substanciosos e profundos comentários que esses fenómenos lhe sugeriram.

Esta pequena monografia de 72 páginas, de que ora nos ocupamos, é uma resenha de quinze casos, escolhidos em várias publicações estrangeiras, de transfiguração do rosto dos médiuns, especialmente da Sr.^a Bullock, de Manchester, Inglaterra. Este fenómeno, ainda raro, explica-o Bozzano pela «superposição ectoplásmica sobre o rosto da médium» ou então «por contracção dos músculos faciais».

Como os leitores vêem, o fenómeno é deveras interessante e, desenvolvido, enriquecerá a galeria dos médiuns célebres como Florence Cook e Eusapia Paladino.

Todas as objecções à interpretação desta manifestação supranormal, formuladas pelos adversários do Espiritismo, foram cuidadosamente postas em relêvo pelo autor italiano. Bozzano impugna-as todas e chega à conclusão de que só a hipótese espírita explica este e outros insólitos fenómenos, já vulgarizados pela literatura espiritualista de todo o mundo.

NOTICIÁRIO

Beneficência

Da Comissão de Beneficência do C. E. L. A. — que depôs o seu mandato — recebeu-se o respectivo saldo na importância de 141\$50, o qual, acrescido de 50\$00 oferecidos pelo nosso prestimoso confrade Henrique da Silva Horta, e das importâncias que fomos recebendo, será distribuído por ocasião do Natal a alguns necessitados, bem como agasalhos já em nosso poder e os que a bondade dos nossos consócios e leitores nos quiserem enviar.

Sessões experimentais gerais

A-pesar-de o mês de Agosto convidar muitas pessoas, no nosso país, a deixar a capital para irem retemperar as suas forças ou melhorar a sua saúde, com novos ares e novas águas, as sessões experimentais gerais que se realizam todos os domingos na nossa sede, durante o referido mês, foram regularmente concluídas.

A Direcção está animada dos melhores desejos de intensificar as ditas sessões, tencionando, se possível, realizar duas delas semanalmente.

O Grupo Espirita Allan Kardec — recentemente formado — além das sessões familiares que realiza na Travessa da Glória, preenche a sessão do último Domingo de cada mês, na sede do Centro.

Estatutos

Com o aumento sempre crescente de sócios que se acolhem ao nosso baluarte — não só com o fim de receberem os ensinamentos que do Alto nos são dados e assistirem às conferências que amiúde se realizam, como também, para receberem tratamentos magnéticos que lhes aliviem os seus padecimentos — surgiram novas necessidades, que os Estatutos, por antiquados, já não podem satisfazer. Assim, a Direcção do Luz e Amor vai refundi-los, actualizando-os, dando-lhes uma feição moderna que satisfaça, o mais possível, todas as exigências. Em tempo oportuno será convocada uma reunião da Assembleia Geral, com o fim de se pronunciar sobre as alterações que forem propostas e sobre as que a mesma Assembleia Geral entenda dever introduzir nos mesmos Estatutos.

Lar de Jesus

Com sede no Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade, de Nova Iguaçu, Estado do Rio de Janeiro, acaba de fundar-se o *Lar de Jesus*, instituição de amparo à infância e velhice desamparada, cuja comissão realizadora é composta pelas senhoras Leopoldo Machado, Olga Moreira, Idalinda A. Matos e Filomena

Januzzi Basílio, que nos enviaram uma circular, pedindo donativos para as crianças e velhos a amparar.

Aos nossos leitores e amigos recomendamos o pedido feito, podendo, se assim o entenderem, remeter os donativos, directamente, para Nova Iguaçu, ou para a redacção desta revista, o que, desde já, muito agradecemos.

Aceita-se dinheiro ou quaisquer objectos que a caridade dos nossos irmãos queira enviar.

Novo ciclo de conferências

O 3.º ciclo de conferências, a iniciar no próximo mês de Outubro, será inaugurado pelo nosso colaborador sr. Coronel Faure da Rosa, uma das mais belas figuras de propagandista que o Espiritismo conta nas suas fileiras. Mentalidade forte, vasta erudição, verbo elegante, tudo nele se conjuga para a afirmação dum raro temperamento de lutador que sabe engrandecer e prestigiar a Doutrina.

«O homem que dormiu cinquenta anos», será o tema do seu novo trabalho, que, a avaliar pelos precedentes, já do conhecimento de muitos confrades, que tiveram o prazer de ouvi-lo, confirmará o alto conceito em que todos nós o temos há muitos anos.

Programa de trabalhos do Centro durante Setembro e Outubro

Dia 7 de Setembro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 14 de Setembro, 16 horas — Sessão experimental.

Dia 21 de Setembro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 28 de Setembro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 5 de Outubro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 12 de Outubro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 19 de Outubro, às 16,30 horas — Conferência pelo Coronel Faure da Rosa, intitulada «O homem que dormiu cinquenta anos».

Dia 26 de Outubro, às 16 horas — Sessão experimental.

Auxiliai «Estudos Psíquicos», conseguindo-lhe novos assinantes. Só assim poderemos enfrentar o novo ciclo que se aproxima.